



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS FEMININAS COMO MANIFESTO FEMINISTA:
UMA ANÁLISE DE *GAROTAS MORTAS* (2018) E *PRAIA DOS OSSOS* (2020)**

ELIANE DA SILVA

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS FEMININAS COMO MANIFESTO FEMINISTA:
UMA ANÁLISE DE *GAROTAS MORTAS* (2018) E *PRAIA DOS OSSOS* (2020)**

ELIANE DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientador: Prof.^a Lívia Santos de Souza

Foz do Iguaçu
2024

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S586

Silva, Eliane da.

Memórias e narrativas femininas como manifesto feminino: uma análise de Garotas Mortas (2018) e Praia dos Ossos (2020) / Eliane da Silva. - Foz do Iguaçu, 2024.
99 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Foz do Iguaçu - PR, 2024.
Orientadora: Profa. Dra. Lívia Santos de Souza.

1. Femicídio. 2. Memória e violência. 3. Narrativas femininas. 4. Manifesto feminista. I. Souza, Lívia Santos de. II. Título.

CDU 82.091:343.6-055.2(81:82)

ELIANE DA SILVA

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS FEMININAS COMO MANIFESTO FEMINISTA:
UMA ANÁLISE DE *GAROTAS MORTAS* (2018) E *PRAIA DOS OSSOS* (2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Lívia Santos de Souza
(UNILA)

Prof.^a Dr.^a Lorena Rodrigues Tavares de Freitas
(UNILA)

Prof. Prof.^a Dr.^a Josiele Kaminski Corso Ozelame
(UNIOESTE)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Eliane da Silva

Curso: Mestrado em Literatura Comparada

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(...) artigo
(...) especialização	(...) trabalho de conclusão de curso
(X) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(X.) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: **Memórias e narrativas femininas como manifesto feminista: uma análise de *Garotas Mortas* (2018) e *Praia dos Ossos* (2020)**

Nome do orientador(a): Prof.^a Lívia Santos de Souza

Data da Defesa:

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

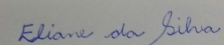
a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 28 de março de 2024.



Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho à minha querida amiga Viviane Jara Benitez (em memória) e a todas as mulheres que lutam todos os dias para sobreviver — assim como ela dizia — nesse mundo horrível para as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos familiares, em especial ao meu dedicado esposo e às minhas amadas filhas, expresso profunda gratidão pela compreensão e apoio que tornaram possível a realização deste trabalho. Agradeço pela paciência em me ouvir nos momentos em que precisava discutir aspectos relacionados a esta pesquisa.

Quero manifestar meu reconhecimento aos colegas Andreia Menezes e Állan Sereja cuja colaboração e parceria foram inestimáveis ao longo de toda a minha jornada acadêmica. A amizade e apoio desses colegas foram elementos fundamentais que conferiram maior leveza e humor à trajetória percorrida.

Um agradecimento especial à minha orientadora, a Prof.^a Dra. Livia Santos de Souza, cuja dedicação e orientação foram cruciais para a qualidade e realização deste trabalho. Suas contribuições, empatia e paciência foram substanciais em minha jornada acadêmica.

Quero expressar meu agradecimento à Profa. Dra. Lorena Rodrigues Tavares de Freitas e à Profa. Dra. Josiele Kaminski Corso Ozelame por participarem da banca de defesa da minha dissertação. Agradeço pelo tempo dedicado e pelos valiosos ensinamentos que contribuíram para este momento especial da minha jornada acadêmica.

Por fim, estendo minha gratidão a todos os envolvidos no programa, professores e demais colegas, cujas valiosas contribuições desempenham um papel essencial na construção qualitativa do curso junto à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila).

*A caça às bruxas nunca terminou,
mas as mulheres também nunca
deixaram de resistir.*

Silvia Federici

SILVA, Eliane. **Memórias e narrativas femininas como manifesto feminista: uma análise de *Garotas Mortas* (2018) e *Praia dos Ossos* (2020)**, 98 páginas. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2024.

RESUMO

Este estudo tem como objetos de análise o livro *Garotas Mortas* (2018), da escritora argentina Selva Almada e o *podcast Praia dos Ossos* (2020), produzido e narrado pela *podcaster* brasileira Branca Vianna. Ambas as obras são classificadas como não ficcionais, e narram histórias de feminicídios ocorridos durante e após as ditaduras no Brasil e na Argentina nas décadas de 70 e 80. As duas narrativas são conduzidas pela reconstrução de memórias e testemunhos levantados pelas autoras durante um processo de investigação próprio, abordando questões relevantes sobre patriarcado e violência contra as mulheres, como feminicídio, culpabilização das vítimas e impunidade masculina. A metodologia de pesquisa adotada baseia-se na análise comparada entre as obras, considerando pontos de convergência nos temas abordados. Para fundamentar teoricamente essas discussões, foram utilizados os estudos sobre memória e testemunho de Michael Pollak (1989), Halbwachs (2004), Le Goff (1996), entre outros. O objetivo geral desta pesquisa é explicar como o pensamento feminista influenciou na formação da memória e das subjetividades políticas das mulheres brasileiras e argentinas, refletindo-se em suas produções narrativas. Para tanto, foram considerados estudos de teóricas feministas, como Rita Segato (2016), Dora Barrancos (2022), Michelle Perrot (2007), Rebecca Solnit (2017), entre outras. Como objetivos específicos, este estudo pretende demonstrar, por meio da análise das obras, como elas podem ser veículos do pensamento feminista, engajando as mulheres na luta contra a misoginia, enquadrando as narrativas de Almada e Vianna como manifestos feministas sob a perspectiva de Vanessa Bortulucce (2015).

Palavras-chave: Feminicídio; memória e violência, narrativas femininas; manifesto feminista.

SILVA, Eliane. **Memorias y narrativas femeninas como manifiesto feminista: un análisis de *Garotas Mortas* (2018) y *Praia dos Ossos* (2020)**. 98 páginas. Tesis de maestría presentada al Programa de Postgrado en Literatura Comparada. Universidad Federal de la Integración Latinoamericana. Foz de Iguazú, 2024.

RESUMEN

Los objetos de análisis de este estudio son el libro *Garotas Mortas* (2018), de la escritora argentina Selva Almada y el podcast *Praia dos Ossos* (2020), producido y narrado por la podcaster brasileña Branca Vianna. Ambas obras están clasificadas como no ficción, y cuentan historias de feminicidios ocurridos durante y después de las dictaduras en Brasil y Argentina en los años 70 y 80. Las dos narrativas están impulsadas por la reconstrucción de memorias y testimonios levantados por las autoras durante un proceso de propia investigación, abordando temas relevantes sobre el patriarcado y la violencia contra las mujeres, como el feminicidio, la culpabilización de las víctimas y la impunidad masculina. La metodología de investigación adoptada se basa en el análisis comparativo entre los trabajos, considerando puntos de convergencia en los temas tratados. Para sustentar teóricamente estas discusiones se utilizaron estudios sobre memoria y testimonio de Michael Pollak (1989), Halbwachs (2004), Le Goff (1996), entre otros. El objetivo general de esta investigación es explicar cómo el pensamiento feminista influyó en la formación de la memoria y las subjetividades políticas de mujeres brasileñas y argentinas, reflejadas en sus producciones narrativas. Para ello se consideraron estudios de teóricas feministas como Rita Segato (2016), Dora Barrancos (2022), Michelle Perrot (2007), Rebecca Solnit (2017), entre otros. Como objetivos específicos, este estudio pretende demostrar, a través del análisis de las obras, cómo éstas pueden ser vehículos del pensamiento feminista, involucrando a las mujeres en la lucha contra la misoginia, enmarcando las narrativas de Almada y Vianna como manifiestos feministas desde la perspectiva de Vanessa Bortolucce (2015).

Palabras clave: Feminicidio; memoria y violencia, narrativas femeninas; manifiesto feminista.

SILVA, Eliane. **Feminine memories and narratives as a feminist manifesto: an analysis of *Garotas Mortas* (2018) and *Praia dos Ossos* (2020)**, 98 pages. Master's thesis presented to the Postgraduate Program in Comparative Literature. Federal University of Latin American Integration. Foz do Iguaçu, 2024.

ABSTRACT

This study's objects of analysis are the book *Garotas Mortas* (2018), by Argentine writer Selva Almada and the podcast *Praia dos Ossos* (2020), produced and narrated by Brazilian podcaster Branca Vianna. Both works are classified as non-fiction, and tell stories of femicides that occurred during and after the dictatorships in Brazil and Argentina in the 70s and 80s. The two narratives are driven by the reconstruction of memories and testimonies raised by the authors during a process of their own investigation, addressing relevant issues about patriarchy and violence against women, such as femicide, victim blaming and male impunity. The research methodology adopted is based on comparative analysis between the works, considering points of convergence in the topics covered. To theoretically support these discussions, studies on memory and testimony by Michael Pollak (1989), Halbwachs (2004), Le Goff (1996), among others, were used. The general objective of this research is to explain how feminist thought influenced the formation of the memory and political subjectivities of Brazilian and Argentine women, reflected in their narrative productions. To this end, studies by feminist theorists were considered, such as Rita Segato (2016), Dora Barrancos (2022), Michelle Perrot (2007), Rebecca Solnit (2017), among others. As specific objectives, this study intends to demonstrate, through the analysis of the works, how they can be vehicles of feminist thought, engaging women in the fight against misogyny, framing Almada and Vianna's narratives as feminist manifestos from the perspective of Vanessa Bortulucce (2015).

Keywords: Femicide; memory and violence, female narratives; feminist manifesto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LITERATURA E MEMÓRIA.....	28
2.1 A MEMÓRIA EM <i>GAROTAS MORTAS</i>	29
2.2 A MEMÓRIA EM <i>PRAIA DOS OSSOS</i>	37
3 SELVA ALMADA E BRANCA VIANNA.....	41
3.1 O PROCESSO DE RECORDAÇÃO DE ALMADA E VIANNA.....	47
3.1.1 <i>Recordando Andrea, Maria Luisa e Sarita</i>	48
3.1.2 <i>Recordando Ângela Diniz</i>	55
4 LITERATURA E FEMINISMO	58
4.1 O FEMINISMO NA ARGENTINA.....	62
4.2 O FEMINISMO NO BRASIL.....	67
5 <i>GAROTAS MORTAS</i> E <i>PRAIA DOS OSSOS</i> COMO MANIFESTO FEMINISTA..	73
5.1 DEFININDO UM MANIFESTO.....	73
5.2 SOBRE FEMINICÍDIO E A QUESTÃO DA MEMÓRIA.....	75
5.3 ABORDANDO A CULPA.....	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Desde a infância, sempre nutri uma sensibilidade aguçada em relação à problemática da violência contra a mulher, uma vez que, como muitas outras crianças, infelizmente, estive exposta à violência doméstica em meu próprio lar. A partir desse contexto, um sentimento de culpa tornou-se uma constante sempre que me deparava com a dificuldade de formular respostas para as indagações pessoais levantadas por esse tema. Por que me via incapaz de desempenhar as tarefas que meu irmão realizava com facilidade? Por que meu pai era reconhecido como a figura central de autoridade em nossa casa? Por que me deparei com uma considerável exposição à violência? Ao buscar assistência, por que as pessoas frequentemente atribuíam a responsabilidade pelas agressões que sofri a mim mesma? Qual poderia ter sido o meu equívoco?

Essas reflexões foram fundamentais para minha identificação com o feminismo, mesmo nos estágios iniciais de compreensão de sua importância. Comparo essa ligação ao feminismo a uma descoberta, assemelhando-se à revelação de um tesouro previamente oculto. Essa experiência me capacitou a enfrentar os estigmas associados à feminilidade e a assumir plenamente o controle do meu próprio destino. Neste sentido, concordo com o argumento de Millet (1977), ao afirmar que “o patriarcado é uma ideologia dominante que não admite rival; talvez nenhum outro sistema tenha exercido um controle tão completo sobre seus súditos” (MILLET, 1977, p.45). A partir disso, entendo que o feminismo é intencionalmente mantido longe de nós, mulheres, para que nunca possamos conceber como nos libertar do nosso destino doloroso, predestinado pela ordem patriarcal.

No entanto, foi por meio da leitura que encontrei esclarecimentos cruciais, especialmente no que diz respeito à culpabilização das vítimas. Em meados dos anos 2000, através de algumas resenhas de feministas de um jornal impresso por assinatura que chegava diariamente em minha casa, desenvolvi um interesse pela escrita das mulheres, por compreender que suas palavras representavam o que eu pensava e dialogavam de maneira significativa com as minhas crenças sobre o papel da mulher na sociedade.

Durante minha formação acadêmica, tive contato mais aprofundado com a literatura feminina, despertando um grande interesse por obras escritas por mulheres e, conseqüentemente, uma maior aproximação e apreço por autoras feministas. No ano de 2015, viveu-se um cenário político em que os movimentos feministas.

ganharam força na América Latina e voltavam à visibilidade na mídia. A quarta onda do movimento feminista na América Latina¹ se destacou pela intensa participação das mulheres nas plataformas de redes sociais, um ambiente no qual eu também fazia parte. Nesse contexto, os registros de violência contra as mulheres apresentavam um aumento significativo. Paralelamente a esse cenário, observou-se um movimento crescente de mobilizações e manifestações femininas em toda a América Latina, abrangendo países como Argentina, Chile, Brasil, entre outros latinoamericanos, que pela primeira vez, segundo Dora Barrancos (2022), estão constituindo um fenômeno de massa que pode ser a grande transformação contra o patriarcado no século XXI (p. 45). Essas iniciativas conquistaram visibilidade não apenas dentro do continente sul-americano, mas também alcançaram repercussões além das fronteiras, evidenciando a globalização da luta feminina. E foi justamente nesse período que pude entender melhor a luta feminista e me reconhecer de fato dentro desse movimento.

O reconhecimento como feminista, mesmo que de forma modesta, assemelha-se ao processo vivenciado por mulheres em diversas sociedades, que, apesar de não se identificarem inicialmente como feministas, alteraram suas atitudes de maneira mais subjetiva (BARRANCOS, 2022, p. 44). Este foi um ponto crucial para as minhas escolhas políticas e literárias. Não bastava apenas ler obras de mulheres; tornou-se essencial ler textos de autoras feministas. Da mesma forma, em minha leitura política, não era suficiente apenas apoiar mulheres para me sentir representada; era imprescindível apoiar mulheres feministas do campo progressista.

Nesse cenário, a obra de Selva Almada emerge como uma luz esclarecedora em meu percurso. *Garotas Mortas* (2018), primeiro livro da referida autora com o qual tive contato — que também é um dos objetos de análise desta dissertação — desempenhou um papel fundamental ao proporcionar-me uma compreensão mais profunda sobre a violência de gênero² perpetrada contra as mulheres, bem como

¹ Este novo momento do movimento surge como uma corrente feminista marcada pela oposição à colonialidade, não sendo meramente uma parte ou uma continuação de um movimento feminista que foi idealizado e construído a partir de um pensamento hegemonicamente eurocentrista. Como nos mostra Vargas (2008), os feminismos latino-americanos são heterogêneos, dentre outros aspectos, por conta de seus espaços de atuação, suas identidades e ainda suas diferentes estratégias perante o Estado (2008, p.142).

² “Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social *homens* exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo este,

sobre o papel da literatura produzida por mulheres na sociedade, funcionando como um vetor de esclarecimento por meio da reflexão acerca de temas específicos, notadamente a violência dirigida contra as mulheres.

Nesse sentido, concordo com a pesquisadora Stefani Klumb (2021), ao se referir ao papel da literatura como um agente poderoso na formação do pensamento ideológico “por ser um importante meio onde circulam ideias e discursos, a literatura torna-se um terreno fértil para refletirmos sobre as bases da violência contra a mulher, assim como uma importante ferramenta de intervenção crítica na sociedade” (KLUMB, 2021, p.14).

O livro *Chicas Muertas*, o terceiro romance da escritora argentina Selva Almada, foi publicado em 2014 na Argentina, traduzido e intitulado no Brasil como *Garotas Mortas* (2018) pela editora Todavia. O livro faz parte de um processo de investigação que a própria autora realiza, a fim de coletar informações sobre casos de mulheres assassinadas no interior da Argentina em meados dos anos 1980 e que nunca foram elucidados.

O romance é considerado não-ficção, por apresentar elementos narrativos de conteúdo verídico. Esses elementos são construídos através de uma organização documental e memorialística que Almada fez após a sua investigação pessoal, pelo contato que teve com alguns parentes das vítimas, com documentos policiais a que teve acesso e, também, pelo próprio processo de recordação dos fatos. A obra se enquadra no gênero romance literário, fazendo esse híbrido entre ficção e não ficção, pois se vale de recursos da narrativa literária para preencher lacunas sobre detalhes que não foram revelados por meio de sua investigação.

Sendo assim, a autora utiliza recursos do imaginário, para que no transcorrer da obra a sua narrativa faça sentido e entregue emoção ao leitor. Como exemplo desse recurso do imaginário, destaca-se a narração que a autora faz sobre os instantes que antecedem a morte de Andrea Danne: “Andrea o acompanhou até a rua. O vento agitava seus cabelos longos, e colava as roupas ao seu corpo. Beijaram-se uma última vez [...]” (ALMADA, 2018, p.24).

Não existe nada que comprove que realmente foi assim que aconteceu antes da jovem ser assassinada, mas sem preencher essa lacuna com recursos

necessidade de fazer uso da violência. Nada impede, embora seja inusitado, que uma mulher pratique violência física contra seu marido/companheiro/namorado. As mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens. E isto faz uma gigantesca diferença. Com relação a crianças e a adolescentes, também as mulheres podem desempenhar, por delegação, a função patriarcal. Efetivamente, isto ocorre com frequência” (SAFFIOTI, 2001).

ficcionais, a obra não passaria de um documentário. Considerando que um texto literário de não-ficção, tem como objetivo primário “comunicar informação, assim como um repórter, mas trabalhada de forma que possa ser lida como se fosse ficção”, (DILLARD; GUTKIND, 2005), tradução minha. Pode-se considerar que o livro de Almada é peculiar pela forma como narra, ainda que lide com uma temática já extensamente trabalhada anteriormente não apenas na Argentina, mas em vários contextos latino-americanos.

Recentemente, a literatura do país tem reunido tramas relacionadas à violência contra as mulheres, e isso foi solidificado com o surgimento do movimento *Ni Una Menos*³, depois do assassinato de Chiara Páez, com 14 anos de idade, cometido por seu namorado, em maio de 2015 na província de Santa Fé. "Esse assunto nos inquieta, está em evidência. É natural que isso acabe sendo materializado em livros, que busquem transcrever tanto horror", afirma Almada, em entrevista para o *El PAIS* (2015). Nesse contexto, Andrea, a primeira "garota morta" no romance, atua como gatilho, mas há muitas outras mulheres. "Há tempos que a violência contra as mulheres é uma questão que me incomoda. Então, pensei que contando essas histórias eu poderia lidar com essa angústia, com o estrondoso feminicídio, com a maneira como vivem as mulheres em países como o meu", relata Almada (Ibidem).

Garotas Mortas (2018), nos apresenta as histórias de Andrea Danne, Maria Luísa Quevedo e Sarita Mundín. Infelizmente, elas ficaram conhecidas por serem vítimas de feminicídio no interior da Argentina durante o processo de redemocratização do país, em meados dos anos 1980. Andrea foi apunhalada no coração enquanto dormia, e o seu assassino nunca foi descoberto. Maria Luísa Quevedo foi vítima de estupro e assassinato, depois de ser jogada num terreno baldio e encontrada dias depois por populares. Jesús Gómez, dono de uma empresa de ônibus, foi o suspeito apontado pela família, mas ele nunca foi preso. Por fim, Sarita Mundín, de 20 anos, também foi vítima de assassinato, foi vista pela última vez com seu amante, um homem casado e bem mais velho, que apesar de ter sido investigado, nunca foi julgado e preso.

³ O Ni una menos, movimento feminista que surgiu na Argentina em 2015 em resposta ao alarmante aumento dos casos de feminicídio no país, estendeu sua influência para além das fronteiras, alcançando países sul-americanos como Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Uruguai e Venezuela, bem como nações europeias, incluindo Espanha e Itália. O movimento tinha como objetivo principal desvelar as diversas identidades de gênero, buscando deter a violência em suas múltiplas manifestações (FINK, 2016).

No início do capítulo quatro, Almada compartilha um relato sobre uma experiência de violência doméstica vivida por sua mãe. Esse relato estabeleceu um forte vínculo de identificação entre eu, como leitora, e ela, como escritora. Parecia ser um elo significativo que nos conectava.

Quando eu era pequena, minha mãe me contou a mesma história várias vezes. Era um episódio que aconteceu pouco depois de ela se casar com meu pai. Eles se casaram muito jovens, com dezesseis e dezoito anos, por que minha mãe estava grávida, uma gravidez que no fim não passou do sexto mês. Seu namoro não tinha sido longo, portanto os dois não se conheciam muito bem, pouco depois de começarem a viver juntos, durante um almoço, os dois se pegaram numa discussão, alguma bobagem de adolescente que foi esquentando. Até que a certa altura meu pai levantou uma das mãos, ameaçando acertar um tapa na minha mãe. Ela sem pensar duas vezes, cravou um garfo no braço que ele tinha apoiado na mesa. Meu pai nunca mais bancou o valentão (ALMADA, 2018, p. 35).

É plausível, em algum momento de suas vidas, mulheres, independentemente do tipo de violência que tenham experienciado, possam alcançar a percepção de terem sido vítimas apenas por serem mulheres, por meio de algum agente esclarecedor. Seja a violência manifestada de forma física ou psicológica, a identificação como vítima de violência por ser mulher demanda a compreensão da situação. Esse processo esclarecedor pode ser desencadeado por meios educativos, como palestras escolares, exposição a noticiários ou outros meios abordando a temática e que pode levar a mulher a se reconhecer como vítima, ou seja, quando "compreendemos que a tradução do mundo social, da subjetividade e da história das mulheres que vivenciaram a violência com seus parceiros" está diretamente atrelada a nossa própria história e esse entendimento "somente é possível por meio da sua percepção afetiva e sensorial sobre o fenômeno" (Von Mühlen, 2020, p. 242).

Conforme Le Breton (2011) afirma, a percepção é uma apropriação simbólica do mundo, e o sentido instaura-se no indivíduo com as coisas e no debate com os outros para sua definição. Um exemplo elucidativo é a discussão suscitada pelos movimentos políticos nas redes sociais sobre a violência contra a mulher; no meu caso, a conscientização surgiu também por meio de leituras literárias.

Uma frase — quase assemelhada a um mantra — proveniente de uma querida amiga, Viviane Jara (em memória), reverbera periodicamente em minha mente: — "o mundo é um lugar horrível para as mulheres!". Com efeito, o mundo é permeado por inúmeras mulheres que enfrentam violência o tempo todo, do início ao fim de suas vidas, e esse "mundo" feminino assemelha-se a um filme de terror.

Reconhecer essa realidade pode ser tão doloroso quanto ser vítima de violência de gênero. Mais do que experienciar as violências, as mulheres ainda são culpadas pelas violências que sofrem, mesmo depois de mortas, ainda continuam sofrendo violência moral, através de um sistema patriarcal que trabalha de forma incessante para exonerar a culpa do agressor e atribuí-la à vítima, conforme relatado no *podcast*⁴ *Praia dos Ossos* (2020), que aborda o caso do assassinato de Ângela Diniz — também uma das obras a serem analisadas nesta dissertação.

Inicialmente, o escopo desta pesquisa se limitava somente à análise do livro *Garotas Mortas* (2018); entretanto, ao longo do processo de pesquisa, após tomado o conhecimento sobre o *podcast Praia dos Ossos* (2020), produzido e narrado pela *podcaster* Branca Vianna, onde o mesmo também passou a integrar a análise nesta dissertação. O referido *podcast* delinea a narrativa do assassinato da socialite brasileira Ângela Maria Fernandes Diniz, ocorrido em 1976, na Praia dos Ossos, Búzios, Rio de Janeiro. Este crime emergiu como um marco nas discussões sobre violência contra a mulher no Brasil, dada a ampla repercussão e a espetacularização que envolveu o julgamento de seu assassino, Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como "Doca Street".

O *podcast* é uma produção original da *Rádio Novelo*, caracterizando-se por uma única temporada composta por oito episódios, cada um com a duração de 60 minutos, e encontra-se disponível em diversas plataformas de streaming, tais como *Spotify*, *Deezer* e *YouTube*. O site da Rádio Novelo também disponibiliza a transcrição de cada episódio em formato PDF.

Apesar do caso Ângela Diniz já ter sido esclarecido e o autor do crime ter sido julgado e condenado, o cerne da narrativa não se concentra na busca pelo culpado, uma vez que tal informação já é conhecida. O foco recai sobre o julgamento de Doca Street e a pena branda que recebeu, gerando uma comoção social a seu favor fundamentada no argumento da "legítima defesa da honra", mesmo em face de sua confissão.

Quase cinco décadas após o ocorrido, as pesquisadoras Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux revisitam o caso como uma oportunidade para reexaminar a história do Brasil, extrapolando a mera reconstrução e compreensão do

⁴ Segundo Foschini (2018), *Podcast* é um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: iPod, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e broadcast, que significa transmissão em inglês. O PodCast tem vários programas, ou episódios, como se fosse um seriado. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na internet e, por download, chegam ao computador pessoal ou tocador. Você pode baixar o arquivo no computador, no iPod, no celular ou em um PDA (computador de mão), para ouvir quando quiser.

assassinato para uma análise mais ampla do contexto nacional da época, visando compreender as transformações (ou a falta delas) na contemporaneidade brasileira. Essa abordagem revela-se como uma discussão crucial e necessária, respaldada pelos oito episódios do *podcast*, para a compreensão dos intrincados mecanismos interligados entre o Direito, o machismo e o papel da mulher na sociedade brasileira.

Praia dos Ossos (2020), sob a habilidosa narração de Branca Vianna, destaca-se pela condução de uma pesquisa esclarecedora, complementada por uma trilha sonora impecável. Reconhecido como um dos melhores *podcasts* do ano de 2020 pelos principais veículos de comunicação do país, com uma narrativa *que* estimula a imaginação do ouvinte, possibilitando a reconstrução das peças de um “quebra-cabeça”, exclusivamente por meio do sentido auditivo.

Mesmo apresentando-se como uma narrativa policial e histórica, a autora/narradora utiliza elementos sonoros para evocar emoções específicas no ouvinte ao longo da história. Isso cria um ambiente imaginário semelhante à abordagem de Selva Almada em *Garotas Mortas*, onde lacunas na narrativa são preenchidas com elementos ficcionais.

Portanto, estes elementos sonoros presentes na narrativa de Branca Vianna, cujo propósito é construir uma experiência imaginária para o ouvinte, assemelha-se à escrita literária, na qual recursos ficcionais buscam envolver o leitor na história contada. Além disso, percebe-se que o contexto histórico e político relacionado à temática da violência contra as mulheres, juntamente com as reflexões das autoras, tanto em *Garotas Mortas* quanto em *Praia dos Ossos*, embasadas no pensamento feminista, compõem narrativas elaboradas por mulheres com o intuito de discutir a problemática da violência e injustiças perpetradas contra as mulheres. Contudo, os aspectos memorialísticos e não ficcionais são igualmente semelhanças que justificam a escolha do *podcast* narrado por Vianna para uma análise conjunta à obra escrita por Almada.

Um aspecto que intensifica a afinidade entre o *podcast* e o texto literário, distinguindo *Praia dos Ossos* (e as produções da rádio Novelo em geral) de outros *podcasts*, é sua abordagem distinta. Ao invés de se restringirem a diálogos informais e entrevistas, esses projetos da Rádio Novelo são concebidos com o autêntico propósito de narrar histórias, almejando engajar os ouvintes de maneira profunda e reflexiva. Essa característica assemelha-se à imersão proporcionada por obras literárias, ultrapassando a simples interação casual.

O episódio 2, intitulado "O julgamento", narra os acontecimentos do julgamento do assassino de Ângela Diniz. Neste episódio, são apresentados áudios originais da defesa, que sustenta, entre outras alegações, que Ângela Diniz seria uma pessoa depressiva e com pensamentos suicidas. Argumenta-se que, devido a essas condições, ela teria provocado Doca Street — seu assassino — a ponto de levá-lo a atirar várias vezes contra ela, resultando em seu "suicídio". (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Com base nas considerações apresentadas, é possível inferir que minhas vivências desempenharam um papel significativo na orientação das minhas preferências enquanto leitora, especialmente no âmbito das narrativas feministas. Essas inclinações exerceram uma influência crucial nas minhas decisões políticas, sugerindo que minha formação como leitora consciente contribuiu de maneira substancial para a construção de uma postura crítica em relação à minha identidade como mulher. Nesse sentido, acredito que foi por meio dessas experiências literárias que adquiri a capacidade de analisar e posicionar-me enquanto sujeito político, reconhecendo-me como uma mulher engajada com os princípios do feminismo.

O movimento feminista contemporâneo tem se manifestado de maneira vigorosa em resposta à violência contra a mulher, buscando a união das mulheres na luta contra a violência de gênero, a cultura do estupro, e em defesa de seus direitos sexuais, reprodutivos e, de maneira mais abrangente, o direito de autonomia sobre seus corpos. Este novo estágio do movimento feminista na América Latina é crucial para assegurar que as demandas das mulheres continuem sendo atendidas, visando interromper a recorrência de episódios de violência perpetrados exclusivamente por motivo de gênero.

Nas últimas décadas, o movimento feminista tem adotado discussões sobre as interseccionalidades entre raça, gênero e classe, reconhecendo a necessidade de abordar as demandas de todas as mulheres, sobretudo aquelas mais vulneráveis à violência, destacando-se as mulheres negras e de baixa renda, em consonância com as reflexões promovidas pelo feminismo decolonial⁵. Refletir sobre o movimento

⁵ "Feminismo decolonial" nomeia uma corrente dos feminismos subalternos, contra-hegemônicos, que incluem também os feminismos pós-coloniais, negro, comunitário e indígena, cujas representantes, intelectuais não brancas, denunciam o racismo de gênero e a forma como a geopolítica do conhecimento silencia as vozes das intelectuais e dos intelectuais subalternos, isto é, todas as pessoas não brancas, indígenas, negras, chicanas, latinas, indianas, asiáticas, afrodescendentes, mestiças, imigrantes, e as vozes de sexualidade dissidente, pessoas transexuais, gays e lésbicas dos países periféricos do capitalismo (antes chamados de países do terceiro mundo, em desenvolvimento). Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/feminismo-decolonial-origem-e-ideias/> Acesso em: 20 dez. 2023.

feminista na América Latina sem incorporar as questões abordadas pelo feminismo negro resulta em uma análise superficial da problemática da violência contra a mulher.

Nesse sentido, aproveito este espaço para parafrasear algumas considerações da escritora Carla Akotirene (2019) em relação à importância de contemplar a dimensão da interseccionalidade no âmbito do movimento feminista, uma vez que, a falta de integração entre raça, classe e gênero, tanto nas formulações teóricas feministas quanto na produção afrocêntrica, resultou em lacunas interseccionais que contribuem para o alarmante panorama de violência contra as mulheres negras. Isso se evidencia pelo fato de que, ainda na década de 1980, logo após o estabelecimento das primeiras delegacias da mulher, as publicações feministas abordavam a mulher de forma universal. O Estado, por sua vez, utilizava essas concepções na elaboração e avaliação de políticas públicas (AKOTIRENE, 2019, p. 32-33).

Isso significa, que a ausência de uma abordagem integrada que considere interseccionalmente as categorias de raça, classe e gênero, tanto nas teorias feministas quanto na produção afrocêntrica, tem implicações significativas no combate à violência contra a mulher. Ao focalizar exclusivamente a mulher de maneira universal, sem levar em conta as interações complexas entre diferentes formas de opressão, como as associadas à raça e à classe, as estratégias de combate à violência podem falhar em abordar de maneira eficaz as experiências específicas enfrentadas por mulheres negras.

Essa lacuna pode resultar em políticas públicas inadequadas as causas subjacentes da violência contra as mulheres negras. Para enfrentar eficazmente esse problema, é crucial adotar uma abordagem interseccional, reconhecendo e considerando as diversas dimensões de identidade e opressão que as mulheres podem enfrentar. Isso implica em políticas mais abrangentes e sensíveis às diferentes realidades vivenciadas por mulheres de diferentes origens, contribuindo para um combate mais efetivo contra a violência de gênero.

Como pode ser possível contribuir para o movimento feminista no combate à misoginia? A denúncia, embora fundamental, não se mostra como uma medida suficiente. É imperativo engajar-se na educação e conscientização da sociedade como um todo e não apenas para mulheres. Angela Davis, durante uma conferência na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em julho de 2017, questionou a eficácia

transformadora de enviar homens que cometem violência contra mulheres para instituições que, ao invés de corrigirem, reproduzem violência.

O recurso ao encarceramento como solução para a violência doméstica, segundo Davis, perpetua o ciclo que se busca eliminar. Nesse sentido, Dora Barrancos (2022), explica a fala de Davis: “Não é por piedade do algoz que a maioria das partidárias do feminismo simpatiza com soluções não punitivas, mas sim por um entendimento razoável de que o patriarcado, mais do que indivíduos socializados sob seus preceitos, é que deve ser levado ao banco dos réus” (BARRANCOS, 2022, p. 225-226).

Portanto, é crucial ocupar todos os espaços com discussões sobre o tema da violência contra a mulher, promover políticas públicas efetivas e disseminar esses debates em ambientes educacionais, profissionais, públicos e privados a fim de promover uma educação anti-machista na sociedade, o que ajudaria a enfraquecer a estrutura patriarcal e assim ter resultados mais efetivos no combate à violência contra as mulheres.

Para esse propósito, algumas mulheres têm optado por atuar na esfera política, integrando pautas feministas em suas agendas de políticas públicas. Há também aquelas que, por meio da literatura, como a escritora argentina Selva Almada em seu livro *Garotas Mortas* (2019), ou através de narrativas em *podcasts*, exemplificado pela autora do *podcast Praia dos Ossos* (2020), Branca Vianna, que contribuem para o levante feminista, no sentido de trazer a discussão da violência contra a mulher para o debate público. Ao compartilharem histórias e reflexões sobre machismo, patriarcado e suas consequências na sociedade, essas mulheres atuam como inspiração para outras, um papel que se estende às pesquisadoras acadêmicas que, por meio de suas investigações, podem explorar e discutir as complexidades da estrutura patriarcal, um caminho que também almejo percorrer nesta dissertação de mestrado.

Esta pesquisa pretende realizar uma análise entre a obra literária *Garotas Mortas* (2018) e o *podcast Praia dos Ossos* (2020) a partir de pontos de convergência encontrados em suas narrativas, como a reconstrução de memórias de casos de feminicídio ocorridos durante as ditaduras tanto na Argentina quanto no Brasil, em meados dos anos 1970 e 1980, e também, durante seus respectivos processos de redemocratização política. Além disso, ambas as narrativas contemplam diversas reflexões acerca da banalização da violência contra a mulher e

a participação do movimento feminista nos respectivos países na luta contra a misoginia e a violência de gênero.

A referida pesquisa visa, por meio da análise de narrativas embasadas no pensamento feminista, evidenciar como tais obras proporcionam um ambiente propício para estimular o envolvimento das mulheres na confrontação da misoginia. Além disso, pretende-se investigar a influência do movimento feminista na formação das subjetividades políticas das autoras, analisando como essa influência se manifesta nas produções narrativas elaboradas por elas. A fundamentação teórica dessas discussões será estabelecida por meio de estudos de teóricas feministas como Rita Segato (2016), Dora Barrancos (2022), Michelle Perrot (2007), Rebecca Solnit (2017), entre outras.

Adicionalmente, serão analisados trechos das narrativas sob uma perspectiva de manifesto, incorporando contribuições de Vanessa Bortulucce (2015), Hélène Ciroux (2017), Simone de Beauvoir (2008), entre outros. A conclusão da pesquisa destacará como as obras de Selva Almada e Branca Vianna, por meio de suas memórias e manifestações feministas, exercem uma influência significativa na formação das subjetividades políticas das mulheres, envolvendo-as de maneira engajada na luta feminista contra a misoginia.

Tanto *Garotas Mortas* (2018) quanto o *Praia dos Ossos* (2020), abordam diversas formas de violência contra as mulheres, como já dito antes, originadas principalmente por uma estrutura patriarcal e misógina. Notavelmente, essas violências se intensificaram em cenários políticos marcados pelo conservadorismo e autoritarismo, como nas ditaduras militares e que permanecem em vigor durante seus processos de redemocratização.

Nesse sentido, observando o cenário político caracterizado pela ascensão crescente da extrema-direita na América Latina entre os anos de 2010 e 2020, verificou-se um aumento significativo do movimento feminista em vários países latino-americanos. Esse fenômeno decorre, principalmente, da marcada característica conservadora religiosa cristã associada à extrema direita, influenciando diretamente a formulação de políticas públicas relacionadas aos direitos das mulheres e provocando retrocessos em conquistas já alcançadas. Foi precisamente nesse contexto que surgiram diversas obras literárias escritas por mulheres feministas, as quais abordam em suas narrativas a temática da violência de gênero em cenários políticos autoritários e conservadores, exemplificado pelo livro *Garotas Mortas* (2018) e o podcast *Praia dos Ossos* (2020).

Ambas as obras enfatizam a importância dos movimentos feministas durante o contexto político em que as histórias narradas se desenrolam. Em *Praia dos Ossos*, isso ocorre durante a ditadura militar no Brasil, enquanto em *Garotas Mortas*, se dá no início do processo de redemocratização política na Argentina. Na Argentina, destaca-se o movimento *Madres de la Plaza de Mayo*⁶, enquanto no Brasil, surge o movimento *Quem Ama Não Mata*⁷.

Esses movimentos não apenas ganharam significativa proeminência, atravessando gerações de mulheres, mas também contaram com amplo engajamento que persiste até os dias atuais. Compostos por mulheres em busca de justiça e liberdade, esses movimentos serviram como alicerces para conquistas de grande importância para as mulheres em seus respectivos países, cujos impactos reverberam na sociedade contemporânea.

A abordagem metodológica deste estudo é qualitativa, adotando a análise comparada como principal estratégia. O objetivo é explorar de maneira simultânea as temáticas de gênero presentes em ambas as obras, abrangendo desde violência contra mulheres até silenciamentos e outras formas de injustiças enfrentadas por grupos femininos, independentemente de sua posição subalterna. Essas questões são consideradas representativas da condição geral experimentada pelas mulheres na América Latina. A análise comparada busca identificar padrões, diferenças e convergências nas narrativas, promovendo uma compreensão mais abrangente das representações de gênero nas obras selecionadas. Essa metodologia qualitativa visa uma análise profunda e contextualizada para uma compreensão mais rica das complexidades das experiências femininas nas obras e sua relação com a realidade latino-americana. Conforme Rita Segato (2016), observa-se um retorno conservador ao discurso moral devido à reversão em relação ao discurso da burguesia pós-Guerra Fria. Este, caracterizado por um "multiculturalismo confuso", que substituiu a abordagem anti-sistêmica da era anterior pela inclusividade dos Direitos

⁶ Em abril de 1977, em meio à ditadura militar argentina, 14 mulheres se reuniram na Praça de Maio, em Buenos Aires, para clamar por seus filhos desaparecidos. Elas foram o primeiro grande grupo a se organizar contra tais violações de direitos humanos. Coletivamente, as mulheres estabeleceram uma força dinâmica e surpreendente, que se contrapunha às restrições tradicionais impostas às mulheres na América Latina. As mães se reuniram e pressionaram por informações sobre seus filhos, destacando, assim, as violações de direitos humanos ocorridas e aumentando a conscientização em âmbitos local e internacional. O sucesso de seu legado e progresso subsequente foi alcançado graças à sustentada organização de grupo, ao uso de símbolos e slogans, bem como aos protestos silenciosos realizados semanalmente. Atualmente, essas mães continuam engajadas na luta pelos direitos humanos, políticos e civis na América Latina e em outras regiões.

⁷ O movimento se iniciou em 1980, época da ditadura militar no Brasil, quando diversas mulheres foram assassinadas pelos seus companheiros. Os crimes ficaram conhecidos como passionais e os advogados de defesa dos acusados alegaram "legítima defesa da honra".

Humanos durante a formação das democracias latino-americanas pós-ditatoriais (SEGATO, 2016, p. 16).

Com isto, torna-se relevante investigar as influências dos movimentos feministas na configuração de uma subjetividade política e social durante os períodos de ditadura e redemocratização, através da análise de narrativas que instiguem reflexões sobre a violência contra as mulheres, suas raízes, os contextos políticos que alimentaram a misoginia e suas consequências na sociedade, pensando que isto é uma necessidade constante, tendo em vista que a estrutura patriarcal e conservadora, elementos preponderantes na geração da violência de gênero, permanecem presentes e ainda não foram erradicados.

Inicialmente, com o intuito de atingir o propósito delineado, uma vez que as obras em análise são fundamentadas na construção de memórias, torna-se pertinente, nos primeiros capítulos, promover uma discussão acerca da importância histórica desse processo memorialístico. Esse empreendimento reflexivo se fundamenta no processo de construção de memórias individuais e coletivas, utilizando-se das teorias de Michael Pollak (1989) e Maurice Halbwachs (2004). Nessa perspectiva, a memória individual é compreendida como um ponto de convergência entre diversas influências sociais, constituindo-se como um instrumento singular para a articulação entre essas influências. Adicionalmente, ao se conceber as memórias como testemunho, convém incorporar algumas contribuições provenientes do trabalho de Márcio Seligmann-Silva (2008).

Este compilado teórico pode ser considerado um alicerce sólido para a compreensão da complexidade e relevância das memórias na construção do significado histórico. *Garotas Mortas* (2018) e *Praia dos Ossos* (2020), têm o objetivo, cada um a seu modo, de romper com a lógica do silenciamento no qual as mulheres vítimas de violência são submetidas. Ao denunciar a crueldade aos moldes patriarcais, o que inclui também, além da violência física, a violência simbólica, essa última é ainda mais sorrateira, ou seja, “invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento” (BOURDIEU, 2022, p.12). A fragilidade da condição feminina na sociedade, faz com que as autoras precisem também reconstruir suas memórias para que a narrativa de denúncia seja possível e compreendida em sua essência mais genuína.

Ainda no segundo capítulo da presente pesquisa, adentra-se de maneira mais profunda na intrincada relação entre memória e literatura, não apenas abordando

uma perspectiva generalizada, mas também explorando a rica tapeçaria de memórias específicas das mulheres. Neste contexto, ancorados em conceitos da memória coletiva, teorias literárias e estudos culturais, busca-se desvelar a complexidade dessa interação multidisciplinar.

Ao desenvolver a metáfora da via de mão dupla entre memória e literatura, além de apresentar exemplos práticos, como a influência da literatura, enfatizamos a importância de abordar a memória feminina. Abrem-se espaços para discutir as obras e autoras, Selva Almada e Branca Vianna, emergindo como protagonistas na construção das memórias singulares das mulheres na literatura latinoamericana.

Considera-se assim, a literatura como um "lugar de memória", destacando o papel do texto literário no patrimônio cultural e na preservação da memória coletiva. Integrando a teoria de Pollak (1989) sobre memórias silenciadas, pode-se observar a necessidade de conceder voz a experiências que, por muitas vezes, são negligenciadas ou esquecidas, especialmente no contexto da narrativa feminina.

O capítulo 3, intitulado "O Processo de Recordação de Almada e Vianna", visa explorar a abordagem narrativa de Selva Almada em *Garotas Mortas* (2018) e Branca Vianna no podcast *Praia dos Ossos* (2020). Ambas as autoras utilizam o processo de recordação como uma ferramenta para iluminar as vidas daquelas que foram vítimas de violência, especialmente mulheres assassinadas. Almada adota uma perspectiva testemunhal, dando voz às mulheres marginalizadas e vítimas da ditadura argentina, enquanto Vianna, no episódio "Angela" de seu podcast, resgata a figura de Ângela Diniz para entender a violência que resultou em sua morte.

Considerando o papel social das autoras na busca por justiça e direitos das mulheres, o capítulo 4 reserva-se a abordar o papel do feminismo na luta contra o patriarcado, a violência de gênero e a misoginia. Na Argentina, o movimento *Madres de la Plaza de Mayo* e, no Brasil, o movimento feminista *Quem ama não mata* são movimentos apoiados, respectivamente, por Selva Almada e Branca Vianna. Destaca-se a importância de ressaltar esses movimentos feministas, pois foi por meio de suas lutas pelos direitos e justiça, especialmente em relação à memória e à vida das mulheres, que as autoras encontraram inspiração para abordar os temas relacionados à violência contra as mulheres em suas obras. Além disso, como já dito anteriormente, esses movimentos desempenharam um papel crucial na formulação de políticas públicas e na criação de leis em defesa das mulheres, tanto na Argentina quanto no Brasil.

No quinto capítulo intitulado "*Garotas Mortas e Praia dos Ossos* como Manifesto Feminista", é feita uma análise comparada das obras, em que são abordados temas relevantes relacionados à representação das mulheres na literatura, especialmente no contexto do feminismo. Tanto a obra de Selva Almada quanto a obra de Branca Vianna são examinadas como manifestos feministas que exploram a violência contra as mulheres e a luta pela igualdade de gênero. O capítulo destaca como as autoras desconstruíram padrões e estereótipos que cercam as vítimas de violência, questionando a culpabilização das mulheres por atos de violência cometidos contra elas. Em *Garotas Mortas*, Almada, e em *Praia dos Ossos*, Vianna, apresentam narrativas que evidenciam a importância de reconhecer a autonomia e a dignidade das mulheres, além de denunciar as estruturas de poder que perpetuam a violência de gênero.

A análise das obras revela como as autoras exploram a dinâmica de poder presente na sociedade, evidenciando o machismo estrutural e a necessidade de desconstruir padrões opressivos. Além disso, o capítulo destaca a importância da escrita feminina como forma de resistência e empoderamento, permitindo que as vozes das mulheres sejam ouvidas e valorizadas. Ao examinar as obras de Almada e Vianna sob a perspectiva do feminismo, o capítulo também ressalta a relevância do movimento feminista na literatura contemporânea e como essas narrativas contribuem para a reflexão e a conscientização sobre questões de gênero e violência contra as mulheres.

Através da análise crítica dessas obras, é possível compreender como a escrita feminista pode ser uma poderosa ferramenta de transformação social e de promoção da igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas. Sendo assim, para analisar as obras de Almada e Vianna, pensando em suas influências adquiridas do movimento feminista, toma-se como base de estudos o apoio de aportes teóricos de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, as ciências políticas e sociais, assim como também teorias da memória, testemunho, história, para que assim fosse possível examinar os temas de gênero apresentados nas obras, que permeiam o feminismo, a política, a história e a violência de gênero e que fazem das obras um conjunto de reflexões essenciais para o esclarecimento do leitor sobre um tema tão delicado e urgente como a violência contra as mulheres.

A hipótese delineada para a condução desta pesquisa fundamenta-se na proposição de que o papel desempenhado pelas autoras ao longo dessas obras pode servir como um elo de conexão de influências entre as narrativas femininas

contemporâneas, como manifestos feministas, tanto em obras escritas quanto em formato de *podcasts*. Essa dinâmica conduziria à conversão dessas narrativas em instrumentos eficazes para o enfrentamento e resistência à violência de gênero na América Latina, envolvendo assim os leitores/ouvintes na luta contra a misoginia.

2 LITERATURA E MEMÓRIA

A interconexão entre literatura e memória revela-se como um influente meio de interpretar as diversas perspectivas na apreensão e enfrentamento da realidade moldada pelo pensamento humano. Essa ligação emerge como um fio condutor para reflexões sobre as interações entre o texto literário e a formação de imagens que desempenham um papel nos processos de construção da memória, tanto individual quanto coletiva.

Nesse sentido, destacam-se dois pontos cruciais nesta abordagem. Primeiramente, ressalta-se o caráter plural e efêmero da memória, que está em constante processo de criação, desconstrução e renovação de imagens a ela associadas. Em segundo lugar, em sintonia com essa constatação inicial, enfatiza-se sua natureza dialógica, especialmente no que diz respeito à sua formação nas esferas privada e coletiva.

Nesse contexto, adotamos a afirmação de Jacques Le Goff, ao afirmar que a memória é essencial não apenas por sua importância singular na organização da identidade humana, mas também porque essa organização se efetua através da interação entre suas manifestações nas esferas individual e coletiva (LE GOFF, 1996, p. 11). Consequentemente, surge a impossibilidade de se ter imagens permanentemente cristalizadas acerca da produção de memórias, assim como a constatação de que a formação de uma memória individual está intrinsecamente ligada à sua interação com a memória coletiva.

Da mesma forma, não há memória coletiva desvinculada dos diálogos com as imagens pertencentes às memórias subjetivas, por tanto, a memória pode se revelar, assim, como um intrincado e dinâmico mosaico, no qual o texto literário assume um papel crucial ao contribuir para o constante movimento de reconstrução das vias organizadoras de memórias.

Diante do relevante papel desempenhado pela literatura como propulsora da transcendência da condição humana, é plausível considerar uma interação consistente e significativa entre memória e literatura. Metaforicamente, essa relação assemelha-se a uma via de mão dupla, na qual a memória contribui para a literatura, assim como a literatura enriquece a memória. Em uma abordagem inicial, percebe-se como recordações, lendas e narrativas aguçam o interesse das pessoas, cultivando não apenas o prazer da leitura, mas também o gosto pela escrita. Conforme Moacyr Scliar (2007) relata, seu envolvimento com a arte da escrita teve

início por meio das histórias compartilhadas pelos pais, familiares e vizinhos: "[...] Comecei cedo; minhas recordações de infância estão ligadas a isso: ouvir e contar histórias." (p. 08).

Paralelamente, à medida que as narrativas preservadas pela memória estimulam a apreciação pela leitura e produção literária, a literatura também serve à memória ao eternizar histórias, lugares, períodos e lembranças das pessoas. Dessa forma, as obras literárias tornam-se registros sólidos de épocas, percepções e filosofias. Nesse contexto, os livros surgem como fontes valiosas para historiadores no resgate da memória. Baez (1975) destaca que "[...] o vínculo poderoso entre livro e memória faz com que um texto deva ser visto como peça-chave do patrimônio cultural de uma sociedade e, certamente, de toda a humanidade" (BAEZ, 1975, p. 24).

Com o propósito de aprimorar a compreensão da interação entre memória e literatura, propomos a seguir relacionar essas questões entre literatura e memória as obras *Garotas Mortas* (2018) e *Praia dos Ossos* (2020), buscando destacar de maneira mais evidente o papel e a significância do elemento da memória nas presentes narrativas.

2.1 A MEMÓRIA EM *GAROTAS MORTAS*

A obra *Garotas Mortas* (2018) traz várias narrativas abordando assuntos como feminicídio, vulnerabilidade feminina em governos autoritários, patriarcado e conservadorismo, apresentando um cenário em que garotas e mulheres têm seus corpos entendidos como propriedade⁸. O contexto da obra se passa na Argentina dos anos 80, um país recém-saído da ditadura cívico-militar, que tinha nas mulheres um de seus principais alvos de perseguição política e silenciamento. As ditaduras têm uma forte característica de sistematizar a violação dos direitos humanos, e as mais vulneráveis nesse contexto são, justamente, as mulheres.

Depois de sete longos anos de ditadura, a eleição de um novo presidente, em 11 de dezembro de 1983, é também, por "coincidência", o mesmo dia em que o corpo de Maria Luísa foi encontrado.

⁸ Federici (2017) destacou que, no contexto histórico, o corpo feminino foi submetido a uma transformação, tornando-se um instrumento para a reprodução e expansão da força de trabalho, sendo tratado como uma máquina que segue o funcionamento de um órgão e permanecendo fora do controle das mulheres. Além disso, ressaltou o conceito de corpo como propriedade do patriarcado (p. 178).

A polícia mal tinha começado as buscas quando, na manhã do domingo, 11 de dezembro, o telefone do Primeiro Distrito tocou. Do outro lado da linha, alguém avisava que havia um corpo num terreno baldio entre as ruas 51 e 28, na periferia da cidade. [...] Nesse domingo, em Buenos Aires, a 1.107 quilômetros dali, naquela hora da manhã ainda ecoavam os festejos populares pela posse de Raúl Alfonsín, o primeiro presidente eleito pelos argentinos após sete anos de ditadura. (ALMADA, 2018, p. 17)

É importante dizer que a autora fez questão de destacar esse fato, em uma tentativa de mostrar que a ditadura e, toda essa cultura de violência produzida e reproduzida nela, tem como tendência permanecer no dia a dia, influenciando as relações sociais por um longo período. Selva Almada, em sua obra, mostra que foi uma sobrevivente, já que, ao recordar essas lembranças da juventude, mantidas em segredo, em um silêncio quase perturbador, por mais de 30 anos, ainda conseguiu se manter lúcida e forte para escrever uma obra contundente.

Ter que viver (e conviver) com essas memórias silenciadas por tanto tempo, para a autora, foi como carregar um “fardo”, e esse não era mais o seu objetivo. *Garotas Mortas* se configura como um desabafo atrasado pelo trauma, medo e silêncio que tal ambiente misógino impôs a uma mulher como Selva Almada por tantos anos. Estar viva, para a autora, foi uma questão de sorte:

Estamos no verão e faz calor, quase tanto quanto naquela manhã e de novembro de 1986, quando de certo modo, este livro começou a ser escrito, quando a garota morta atravessou o meu caminho. Agora estou com quarenta anos e, diferentemente dela e das milhares de mulheres assassinadas em nosso país de lá pra cá, continuo viva. Apenas uma questão de sorte (ALMADA, 2018, p. 121).

A autora, ao narrar os acontecimentos muitos anos após o acontecido, se coloca em uma posição de testemunho, de sobrevivente para contar essas histórias, através de memórias de testemunho que só é possível acontecer sobrevivendo a esses acontecimentos, e passando por um período de reflexão sobre eles. Segundo Derrida (2015) “só se testemunha lá onde se viveu mais tempo do que aquilo que acabou de acontecer” (DERRIDA, 2015, p. 54).

A Argentina dos anos 80, onde se passa a história da obra, ainda era um país marcado pelos vestígios de sua ditadura, um país em processo de redemocratização, mas que ainda exalava ódio e violência, principalmente contra quem ainda estava vulnerável a um governo misógino e autoritário. Seus algozes, que haviam aprendido com o estado de exceção da ditadura, já eram muitos, não usariam mais uma farda, mas continuavam consumidos pelo ódio e pelo machismo.

Por isso, apesar da queda do regime, a violência sistemática contra as mulheres argentinas continuava acontecendo.

Ao longo da obra, percebe-se que a autora sentiu a necessidade de escrever não apenas para reconstruir a vida dessas jovens, que foram totalmente negligenciadas pela justiça, mas como uma forma de libertação. Ela busca dar voz ao que aconteceu com essas mulheres, uma vez que, pelos meios jurídicos, não foi possível impor punição aos responsáveis. Assim, como afirma Felman (2014) propõe-se que a justiça seja buscada através dos meios literários (p. 128), vale também mencionar Seligmann-Silva (2014), em seu artigo *Imagens precárias: inscrições tênues de violência no Brasil ditatorial*, com relação ao que é expresso na obra de Almada:

A sintaxe aqui está fraturada. Tudo está interrompido aqui. O tempo se repete e se fragmenta em relação ao trauma. A memória e os fatos, mesmo que recentes, fazem parte de um sentimento melancólico. O texto é descrito, com poucas metáforas ou outras figuras estilísticas. Essa fragmentação, diferentemente do que descreve Benjamin em relação ao Trauerspiel (o drama barroco alemão), não implica em alegoria, mas apenas em narrativa. (SELIGMANN-SILVA, 2014, p. 23)

A narrativa de *Garotas Mortas* é constituída de uma trama, que vai e vem misturando autobiografia com as outras histórias e também com as histórias contadas pela mãe da narradora. Esse movimento narrativo tece o íntimo e o público, entrelaça memórias pessoais às memórias (ou esquecimentos) da sociedade como um todo. Fica claro em sua narrativa de testemunho, que ela pede por justiça. Isso torna possível associar a obra de Almada com o conceito de *Testimonio Latino americano*⁹. Seligmann-Silva (2008) fala sobre esse conceito de testemunho na literatura latino-americana, adotada a partir dos anos 1970, justamente pelo fato de que nesse período a América latina foi tomada por ditaduras cívico-militares:

No contexto da teoria do *testimonio* como gênero que se institucionalizou em 1970. No início dos anos 70, o governo Allende, e a ditadura chilena a partir de 1973, também foram responsáveis pelo estabelecimento do gênero *testimonio* na América Latina. Nas atas do “Colóquio sobre la literatura chilena de la resistencia y del exilio”, publicada no n°112 de janeiro-fevereiro de 1979 na revista da Casa de las Américas, encontramos passagens

⁹ Na América Latina, o conceito de *testimonio* foi desenvolvido nos países de língua espanhola a partir do início dos anos sessenta. Diferentemente do que ocorre na reflexão sobre o testemunho da Shoah na Alemanha, na França ou nos EUA, na Hispano-América passa-se da reflexão sobre a função testemunhal da literatura para uma conceitualização de um novo gênero literário, a saber, a literatura de “testimonio”.

preciosas quanto à definição e historicização do gênero *testimonio*. Para Concha, após 1973, não se pode mais distinguir claramente entre o político e o literário: mas mesmo pensando assim ele deixa claro que não se deve confundir o testemunho enquanto atividade que pode ser encontrada em vários gêneros e a *literatura de testimonio* propriamente dita. Esta existe apenas no contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça. A verdade e a utilidade são, portanto, fundamentais na concepção de *testimonio* [...]O regime sandinista na Nicarágua também foi responsável, nos anos 1980, por um boom de testemunhos naquele país. Na *literatura de testimonio*, a ênfase recai na testemunha como “testis”, terceiro elemento na cena jurídica, capaz de comprovar, certificar, a verdade dos fatos. Já aqui, na teoria do *testimonio*, em vez do acento na subjetividade e indizibilidade da vivência, destaca-se o ser “coletivo” da testemunha. Evidentemente, o ponto de vista é essencial aqui e o *testimonio* é parte da política tanto da memória como da história (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 89).

Com isso, descreve-se a restituição dos acontecimentos nos últimos momentos das garotas assassinadas, também como uma maneira de honrar as memórias de milhares de mulheres mortas e silenciadas por uma sociedade machista e misógina. Ao falar sobre o valor como documento, contido na obra de Almada, citamos Derrida (2014), sobre a importância do valor de patrimônio de uma escrita de testemunho.

Isso porque esse tipo de escritura está ligado à sociedade que o cerca, e pela necessidade de proteção aos documentos, para que sejam preservados e não desapareçam com o tempo, para, enfim, que essas histórias não sejam esquecidas (DERRIDA, 2014, p.37). Uma outra questão que a autora desnuda, é a da violência de gênero a partir da ordem patriarcal. Nessa perspectiva, a morte, por si só, não basta, ainda é exposto o descrédito das vítimas, destruindo suas existências e ridicularizando-as, mesmo depois de mortas. Assim, Almada fez uma narrativa paralela, ao citar exemplos de violências em outras histórias que faziam parte das conversas com sua mãe:

Não me lembro de nenhuma conversa específica sobre violência de gênero, nem que minha mãe fizesse alguma advertência expressa sobre o tema. Mas ele sempre estava presente: quando falávamos da Marta, a vizinha espancada pelo marido [...].O tema também estava presente quando falávamos da Bety, a dona da mercearia que se enforcou num telheiro nos fundos da sua casa, **todo bairro dizia que ela apanhava do marido, que ele sabia bater, porque não se viam os roxos.** [...] Depois de sua morte, correu o boato de que ele e que tinha matado a mulher e ocultando o crime simulando um suicídio. Podia ser. Também podia ser que ela mesma tivesse se enforcado, **farta da vida que levava.** [...] Quando falamos da mulher do açougueiro López, ela **o denunciou por estupro. Fazia tempo que, além de bater, o açougueiro abusava sexualmente dela. Como é que podia o marido estuprar a própria mulher?** (ALMADA, 2018, p. 36). Grifos meus.

Ao documentar, através de suas memórias de testemunho as violências simbólicas, físicas e de gênero, a autora coloca as garotas mortas novamente em posição de vítimas, explicitando que nada justifica a violência que sofreram. Nesse sentido, Selva Almada (re)humaniza as vítimas, para que não haja dúvidas ao leitor (caso ainda tenha) de que as mulheres são vítimas e não culpadas pelas violências que sofreram, seja onde for, por quem for, independente das roupas que usavam. Através da reflexão sobre esses diálogos, ela consegue expor de forma clara que a violência de gênero está por toda parte, até mesmo dentro da “segurança do lar”, sob as vestes “adequadas” e cometidas por homens de nossa confiança.

O livro aborda a complexa questão da construção da memória, o que pode ser relacionado à teoria de Michael Pollak sobre esse tema. Segundo o autor, a memória é composta por eventos presenciados pessoalmente, bem como por aqueles vividos de forma indireta, através da conexão com outras pessoas e grupos sociais aos quais nos sentimos ligados (POLLAK, 1992). Esses eventos indiretos incluem aqueles que têm origem em nossa comunidade ou coletividade.

Dentro do cenário do romance, a autora explora suas próprias memórias, centrando-se em três casos reais de mulheres assassinadas durante sua adolescência na Argentina. Nessa narrativa, ela adota a abordagem participativa proposta por Pollak, analisando como esses eventos, embora não diretamente vivenciados por ela, se incorporam de maneira significativa à sua memória. As mortes dessas jovens são abordadas não apenas como eventos isolados, mas como elementos intrinsecamente conectados ao contexto histórico e político da Argentina na época.

Ao refletir sobre questões de gênero e política, a autora estabelece conexões profundas entre as vidas e mortes das jovens mencionadas e os desafios sociais daquele período. Isso reflete a ideia de Pollak de que as memórias podem ser formadas não apenas por experiências pessoais diretas, mas também por eventos que, mesmo vividos indiretamente através de testemunhos, têm um impacto significativo em nosso imaginário (POLLAK, 1992, p. 201).

Assim, *Garotas Mortas* não apenas explora as memórias pessoais da autora, mas também destaca como essas memórias estão intrinsecamente ligadas a eventos coletivos, conformando uma narrativa que transcende o individual e busca compreender as dinâmicas sociais e políticas que influenciam a construção da memória.

Além disso, alguns fatos relevantes da história política argentina foram identificados no transcorrer da obra, já que nas altas instâncias do governo, exalava um descaso para com a vida das mulheres, uma herança da misoginia adotada pela ditadura recém cessada. A narrativa faz um trabalho de resgate da história de mulheres que foram silenciadas pela violência em um período em que a própria história das lutas contra a misoginia foi apagada, onde as mulheres também foram privadas das narrativas históricas.

Conforme Michelle Perrot (2007, p. 186), "o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder". No entanto, as mulheres ocuparam outros lugares, "elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história" (PERROT, 2007, p. 212).

Porém, ainda que houvesse uma influência feminista de valorização, mesmo que apenas por parte das mulheres, e só por parte delas, influenciadas por Eva Duarte, esposa de Perón e Primeira-dama da Argentina entre 1946 e 1952, também conhecida como Evita Perón, que executava uma política assistencialista voltada para as demandas das mulheres argentinas. Com isso, Evita Peron foi transformada em um símbolo da maternidade e divindade, criado e imitado pelo movimento Peronista, cujo estava vinculado também ao direito de voto das mulheres.

A grande questão provocada pela obra de Almada, é a desconfortável discrepância entre a promessa de redemocratização da Argentina e a realidade do que estava acontecendo; mesmo após o fim do regime militar, crimes graves não estavam sendo citados nos jornais, excluindo-os assim pelo "o bem comum". A democracia se esforçou para não cair na mesma armadilha da ditadura, que era esquecer o passado constrangedor. Dessa forma, uma lacuna foi aberta entre o passado desonroso e o presente almejado e conformado.

Os vínculos entre aqueles que já lidaram com tais casos e aqueles que recusam a ausência de responsabilização pelo sofrimento humano ainda continuam acendendo a esperança de que haja uma maior justiça no presente. As vozes e os relatos destes fatos que ficaram no esquecimento e estão esperando para serem ouvidos. O massacre de opositores políticos, bem como o assassinato motivado por ódio ao outro, são fatos que não podem ser ignorados na história de um povo.

Dessa maneira, Almada introduz personagens relevantes na obra *Garotas Mortas*. Durante seu processo de investigação sobre as jovens assassinadas, a autora fez questão de buscar parentes e outras testemunhas para corroborar a

veracidade desses crimes, dado que não foi viável recuperar documentos oficiais referentes a todos os casos que estava investigando. Era preciso mais que apenas as suas memórias pessoais, a autora necessitava de relatos de pessoas que conviveram com as vítimas, para que fosse possível capturar detalhes que não seriam possíveis através de suas memórias, que foram formadas através de informações adquiridas de forma distante e impessoal.

Segundo Halbwachs (2004), o testemunho é fundamental para o resgate da memória em sua perspectiva mais detalhada, o que parte de memórias individuais, mas para que essas memórias sejam validadas, é necessária uma base de sustentação, construídas a partir de suas relações estabelecidas em grupo.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 12).

Ao se aprofundar nos estudos de Veillon a respeito da Segunda Guerra Mundial sob a ótica da história oral, Pollak (1989) evidencia que as circunstâncias proporcionam a emergência de memórias distintas, dando destaque a alguns aspectos em detrimento de outros, alterando e recodificando a versão do passado. “Assim, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos (D. Veillon, 1987, apud Pollak, 1989, p. 3-15).

Nesta perspectiva, a memória individual seria diretamente influenciada pela memória coletiva, que por sua vez, é confrontada com disputas de diversas naturezas. O esquecimento é combatido por memórias subversivas e há também desconfiança em relação às atuações dos órgãos de justiça estatais, disputando assim com outras memórias invisíveis (POLLAK, 1989, p.7).

Com a chegada da democracia, surgiram os desaparecidos, ausentes do mapa, mas com seus nomes profundamente marcados nas recordações de quem sobreviveu à ditadura argentina. Seus túmulos vazios reclamam, de forma quase inaudível, o direito de serem nomeados, para que suas histórias possam ser contadas e seus rostos devidamente recordados. Em ambas as situações, existe a dor e uma disputa por reconhecimento no contexto histórico, seja por meio de políticas governamentais, seja devido a questões estruturais, embora as

consequências não possam ser comparadas, é responsabilidade dos historiadores não serem insensíveis.

Em face a esse cenário político na Argentina, que aliado às violências estruturadas motivadas pela desigualdade de gênero, a autora não se esquece da significativa mudança política que ocorreu no país. Todavia, Almada constata que essa ascensão não se refletiu na realidade das cidadãs argentinas, cujas aspirações de viver sem temor foram negligenciadas na grande política. Da mesma forma como ocorria na Argentina e, de maneira geral, na América Latina durante a última década, encontra-se um contexto marcado pela violência contra as mulheres, que se desdobra simultaneamente com a ascensão da extrema direita.

Esse contexto político serviu como um relevante impulsionador para as recordações da autora, sendo caracterizado por Pollak (1989) como "memórias subterrâneas". Essas memórias são originárias de grupos marginalizados, como minorias políticas e classes menos privilegiadas, que enfrentaram a opressão e a censura. Pollak refere-se a essas memórias como "subterrâneas" porque emergem do silêncio e se manifestam "em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados" (POLLAK, 1989, p. 4).

A memória é um elemento significativo durante toda a narrativa de Almada. Ela opera como uma evidência, subvertendo os discursos oficiais que são abolidos com os desaparecimentos e, em alguns casos, a memória atua até mesmo como um documento legal, embora nem sempre seja possível tornar isso realidade. As pesquisas e desejos por respostas às injustiças cometidas são parte do processo de encontrar a equidade e preservar a honra de quem partiu, porém os relatórios burocráticos e técnicos não bastam para deter o ódio acumulado.

Ao destacar as histórias das vítimas, colabora-se para enfraquecimento do estereótipo de corpo objetificado, reafirmando que as mulheres não devem ser tratadas como mercadorias pelos olhos dos homens. Esse não é o momento para ocultar o passado, pois o esquecimento não é uma forma justa ou respeitosa de enfrentá-lo. A violência de gênero é usada como moeda de troca por parte da mídia e dos ineficazes órgãos policiais, vista como algo "aceitável". A contraparte dessa balança assimétrica é a memória de quem se lembra do que aconteceu, e se encarrega de ser a voz de quem não está mais aqui. Enquanto profissionais da memória, é crucial que não permitam que suas consciências esqueçam.

2.2 A MEMÓRIA EM *PRAIA DOS OSSOS*

Ao seguir mesma abordagem memorialística que Almada faz sobre o cenário de violência contra as mulheres na Argentina, Branca Vianna, por meio do seu *podcast Praia dos Ossos* (2020), também realiza uma minuciosa revisitação a uma época que deixou marcas no país devido aos casos de violência contra as mulheres.

No *Podcast Praia dos Ossos* (2020), o resgate da memória não se concentrou exclusivamente na figura de Ângela Diniz, apesar do esforço significativo para apresentar quem era essa mulher icônica na narrativa. A centralidade do conceito de memória foi construída a partir de considerações políticas e coletivas relacionadas ao caso, destacando-se como um feminicídio que a sociedade recorda, principalmente devido à moral questionável de Ângela Diniz.

A Ângela era desquitada e tinha três filhos, que moravam com o pai deles em Belo Horizonte. A Ângela e o Doca estavam prestes a comprar aquela casinha de pescador na Praia dos Ossos. Eles iam começar uma nova vida, mais simples, longe das badalações da ponte aérea. Mas essa vida não durou nem dois dias. Logo no comecinho da noite de 30 de dezembro, eles brigaram, e o Doca puxou a Beretta. Depois, ele largou a arma no chão e fugiu. Quando o crime aconteceu, eu tinha só 14 anos. E eu não tinha, como aliás continuo não tendo, nenhum interesse especial por histórias policiais. E muito menos por coluna de fofoca. O crime ficou famoso porque as pessoas envolvidas eram de coluna social. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres. E foi por isso que eu quis voltar a ele, mais de quarenta anos depois. Essa não é só uma história de coluna social. Mas não deixa de ser uma história sobre a imprensa. A história é também sobre o sistema judiciário brasileiro. Sobre como nasce uma mobilização. Sobre como as mulheres viviam e morriam neste país. E como elas continuam vivendo e morrendo. Essa é a história de uma mulher, da morte dela, e de tudo o que veio depois (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

É relevante notar que Branca Vianna, responsável pelo *podcast*, não empreendeu o trabalho de reconstrução de memórias com a intenção de retratar Ângela como uma representante do feminismo. Isso se deve ao fato de Ângela não ser uma mulher politizada, mesmo sendo inteligente. As questões relacionadas às mulheres não despertavam seu interesse, e sua reconhecida inteligência não a levava a engajar-se ativamente no movimento feminista.

Essa abordagem mais abrangente do *podcast*, ao focar considerações políticas e coletivas em vez de centrar-se apenas na figura de Ângela Diniz, permite uma compreensão mais ampla do contexto do feminicídio e das dinâmicas sociais envolvidas no processo de construção de memórias. Ao destacar a moral duvidosa de Ângela Diniz como um ponto de recordação na sociedade, o *podcast* contribui

para a reflexão sobre a influência de normas morais na percepção e memória de casos de violência contra as mulheres.

Entretanto, o *Praia dos Ossos* aborda o caso de Ângela Diniz como um dos principais casos de feminicídio do país, em uma época em que a palavra feminicídio ainda não existia¹⁰. No entanto, após esse caso e outros que surgiram muito próximos, ele se tornou o estopim para um levante feminista que influenciou a sociedade a refletir mais profundamente sobre a violência contra as mulheres. A partir desse momento, teve início um processo de luta que chegou a alterar até mesmo as leis no Brasil.

Nas últimas décadas, observou-se o surgimento de novos estudos que exploram a questão da memória no campo da psicologia social. Essas investigações têm como fundamento o retorno aos teóricos clássicos que discutiram o tema, sendo um exemplo o sociólogo Maurice Halbwachs. Discípulo de Durkheim, Halbwachs (1950/1990) sustentava que a memória é inerentemente social, organizada a partir dos contextos culturais e coletivos. Sua abordagem visava compreender o fenômeno da memória por meio de uma compreensão coletiva que não negligenciasse os aspectos individuais. Dessa maneira, o indivíduo que recorda está inserido em contextos sociais específicos e possui referências que influenciam a formação da memória, analisando, assim, a interação entre os fenômenos mentais e sociais.

De acordo com Oliveira e Bertoni (2019), Halbwachs fundamentava a memória em uma materialidade social, em que a rememoração ocorre por meio das interações com o outro, em um contexto material e temporal específico. Halbwachs (1950/1990) propôs a distinção entre dois tipos de memória social: a memória coletiva e a memória individual (OLIVEIRA E BERTONI, 2019, p. 250).

As memórias individuais estão vinculadas à importância que cada membro de um determinado grupo atribui aos eventos e à maneira como o grupo interpreta esses acontecimentos. Em contrapartida, a memória coletiva está relacionada a um conjunto de indivíduos que pertencem a uma comunidade específica. No entanto, como enfatizado por Pollak (1989), Halbwachs destacou principalmente as funções positivas desempenhadas pela memória compartilhada, como o reforço da coesão social. Além disso, o autor abordou a seletividade inerente a toda memória e o

¹⁰ No Brasil, a Lei do Feminicídio foi promulgada em 2015, incluindo-o na categoria de crimes hediondos, que são punidos com penas mais severas. A expressão tem origem no termo "femicídio" (é isso mesmo?), criado em 1976 pela socióloga sul-africana Diana Russell. Ela introduziu o termo para distinguir o assassinato de mulheres por razões de gênero.

processo de negociação entre a memória coletiva e a memória individual (POLLAK,1989, p. 1).

No âmbito da psicologia, esses novos estudos sobre a memória têm como base os textos pioneiros de Bartlett. Conforme Bartlett (1932/1995), as memórias de eventos passados são influenciadas pelos contextos culturais e sociais, sendo reflexos de hábitos culturalmente enraizados. Adotando uma perspectiva psicossocial da memória. Sá (2012) argumenta que a construção da memória social leva em consideração lembranças, significados e afetos (SÁ, 2012, p. 9). Nesse sentido, o autor defende que a memória é socialmente construída, destacando a centralidade da interação social e da comunicação na disseminação e construção de narrativas. Adicionalmente, Sá ressalta que afetos e emoções desempenham um papel fundamental na elaboração das memórias, sendo a comunicação fundamental tanto para as representações sociais quanto para a memória social.

Portanto, existe uma clara intenção de resgatar e difundir a memória, tantos dos casos relatados por Almada quanto do caso Ângela Diniz, narrado por Vianna, visando trazer para o presente algo tão absurdo quanto o assassinato de mulheres simplesmente por serem mulheres. Essa intenção destaca o absurdo da situação, uma vez que a violência contra a mulher ainda é moldada pelo pensamento patriarcal e mantida sob o seu domínio na construção do pensamento e da narrativa social. Conforme apontado por Valencia (2005), a sociedade nunca vive em harmonia, explicando por que a memória nem sempre é universal (p. 101).

Os grupos dominados buscam apresentar sua própria versão, que contradiz a versão dos grupos dominantes que buscam manter o monopólio, tentando fazer com que os grupos "subjugados" esqueçam a versão polêmica. Além disso, ressalta-se que a memória requer meios para sua transmissão, sendo a educação, a família, a mídia, os museus e as artes, considerados meios eficazes para a difusão memorial (CANDAU, 2019, p.22).

O *podcast Praia dos Ossos* busca apresentar a perspectiva das mulheres em relação à violência cometida contra elas, visando romper com o domínio da narrativa que historicamente pertence ao patriarcado. Ao trazer a voz feminina para o centro da discussão, a intenção é realimentar as reflexões sobre a violência de gênero, reconfigurando a narrativa a partir das experiências e perspectivas das mulheres envolvidas.

A proposta do *podcast* coincide com a de Candau (2019), que destaca os meios de comunicação, como veículos importantes para a transmissão de memórias

(CANDAU, 2019, p. 33). Nesse contexto, o *podcast* se apresenta como um meio eficaz para disseminar as histórias e experiências das mulheres, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e desafiando as narrativas tradicionais que muitas vezes minimizam ou distorcem a realidade da violência cometida contra as mulheres.

Ao conceder espaço às narrativas feministas, o *podcast* não apenas tem a intenção de fornecer informações, mas também desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos, promovendo, assim, uma compreensão mais ampla e sensível em relação à violência contra as mulheres. Ao utilizar esse meio de comunicação, essas memórias ganham visibilidade, instigando discussões pertinentes e incentivando a sociedade a refletir de maneira crítica sobre as complexas dinâmicas de poder e controle que perpetuam a violência.

A visibilidade proporcionada pelo meio não apenas resgata e preserva as histórias individuais das mulheres, mas também fortalece a conscientização coletiva sobre a necessidade de erradicar as estruturas sociais que permitem a perpetuação da violência. Ao encorajar a sociedade a refletir criticamente sobre essas questões, o *podcast* se posiciona como um agente de transformação social, o que pode contribuir para a construção de uma cultura mais justa e igualitária.

Ao examinar as interpretações anteriores das obras das autoras e suas relações pessoais com o feminismo busca-se estabelecer uma base sólida para a compreensão do contexto literário e crítico no qual as obras estão inseridas. Este exercício não apenas oferece uma perspectiva mais ampla sobre as contribuições de Almada e Vianna à narrativa literária, mas também enriquece a análise subsequente ao proporcionar uma compreensão mais profunda das interpretações e recepções críticas prévias.

Antes de prosseguir com a análise das obras, torna-se essencial explorar as biografias e leituras prévias realizadas acerca das obras de Almada e Vianna. Essa abordagem visa contextualizar de maneira mais abrangente o corpus desta dissertação.

3 SELVA ALMADA E BRANCA VIANNA

Selva Almada nasceu na cidade de Villa Elisa, província de Entre Ríos, Argentina, onde permaneceu até os 17 anos. De família de classe média baixa, seus pais se casaram quando muito jovens e tiveram três filhos, sendo ela a filha do meio. A partir de então, cursou o ensino médio para, mais tarde, mudar-se para Paraná, capital de Entre Ríos, onde se formou na área de Comunicação e, em seguida, trocou-a pela Licenciatura em Literatura. Por consequência, residiu entre 1991 e 1999 na cidade de Paraná, mudando-se depois para Buenos Aires.

Ao se afastar de sua cidade de origem, Almada adquiriu uma nova perspectiva sobre o mundo onde havia crescido, o que lhe deu a oportunidade de contar histórias inspiradas na realidade e na oralidade do meio rural, o qual fez parte durante toda a sua infância e adolescência. Publicou seus primeiros contos na revista *Análisis*, de Paraná. Entre 1997 e 1998, dirigiu a revista *Caelum Blue*.

Seu talento literário alcançou magnitude e prestígio da crítica no ano de 2012, quando veio a público sua obra inaugural, *El viento que arrasa*. Esta teve suas páginas traduzidas e distribuídas em diversas nacionalidades como Espanha, França e também Brasil. Em 2019, esta obra ganhou o Prêmio Primeiro Livro do prestigioso Festival Internacional do Livro de Edimburgo. Foi finalista do Prêmio Tigre Juan (Espanha), com o romance *Ladrilleros* (2013). *Garotas Mortas* (2014), seu romance de não-ficção, foi finalista do Prêmio Rodolfo Walsh, da Semana Negra de Gijón (Espanha), para a melhor obra de não-ficção.

Autêntica e inigualável, Selva Almada é uma escritora, ativista e feminista de voz poderosa. Ela teve um papel significativo no movimento *Ni una menos*, um protesto iniciado na Argentina em 2015, contra a repressão e a violência de gênero. O movimento impulsionou o pedido de políticas de proteção aos direitos femininos, buscando erradicar a brutalidade imposta às mulheres, especialmente os feminicídios. Movida pelo desejo ardente de conhecimento, ela se despediu de seu berço natal no interior da Argentina para mergulhar nos estudos literários. A vida levou-a a Buenos Aires, onde graduou-se e firmou-se como autora. Com romances e contos traduzidos em múltiplos idiomas, incluindo *Garotas Mortas* (2018) no Brasil, obra que se apresenta como objeto central de análise dessa dissertação, Almada teve nesse livro a audácia de se aventurar na literatura não fictícia para narrar histórias verdadeiras sobre três feminicídios não resolvidos ocorridos na década de 80.

Abordando a violência contra a mulher, Selva também examina temas profundos como o aborto, o racismo e os vários setores marginalizados da sociedade. Ademais, ela explora os fenômenos sociais que estão provocando uma transformação no pensamento de uma parcela significativa da sociedade argentina. Selva, com uma percepção refinada das possibilidades e do provável, reconstrói em *Garotas Mortas*, muitos eventos que não experienciou pessoalmente. No entanto, nessa jornada, os dados não são dispersos aleatoriamente. Ao contrário, eles compõem uma estrutura em que memórias, depoimentos, recortes de jornal, pesquisa e a imersão no contexto da época tecem uma trama sólida, em desafio à sua aparente fragilidade. Apesar disso, como qualquer construção, está sujeita a flutuar ao sabor do vento, ou a ser obscurecida sob a sombra de uma árvore. Elementos indeterminados permanecem como aspectos desse intrincado esboço, que escapa da vã tentativa de abraçar uma totalidade, Almada afirma esse seu ponto de vista no decorrer da narrativa.

O fenômeno que ela examina em sua produção jornalística/literária possui um nome definido - embora não fosse identificado assim à época atual dos eventos: feminicídio. Este termo revelou-se de forma mais persuasiva nos debates midiáticos da América Latina recentemente recebendo reconhecimento no código penal brasileiro em 2015. Amplamente falando, este termo se categoriza num complexo sistema de violência direcionada contra mulheres por homens, resultando em fatalidades. Como mulher latino-americana, Selva Almada ocupa essa dualidade de perspectivas. Armada com o olhar sóbrio da imprensa e a sensibilidade literária refinada, entende que também está atrelada à cultura que marginaliza e oprime a existência feminina. Isso fica evidente em uma passagem do livro *Garotas Mortas*, em que faz um relato pessoal sobre uma experiência de medo que passou durante o período da sua juventude, o qual ela e suas colegas, por muitas vezes precisavam de caronas para voltar para casa:

uma vez senti que realmente corríamos perigo. Eu estava com uma amiga, voltando de Villa Elisa a Paraná, um domingo à tarde. [...] Finalmente vimos um veículo se aproximando. Fizemos sinal, e o motorista parou no acostamento. [...] minha amiga ao lado do motorista, e eu no banco de trás. [...] Não sei quanto tempo se passou até eu perceber que algo estranho estava acontecendo. O sujeito desviava os olhos da estrada e inclinava a cabeça para falar com a minha amiga, então vi sua mão dando uns tapinhas no joelho dela e depois subindo e lhe acariciando o braço. [...] Ela não perdia a calma e nem desmanchava o sorriso, mas eu sabia que no fundo estava tão assustada quanto eu (Almada, 2018, p. 21).

A trama de *Garotas Mortas* não se limita a desvelar minuciosamente os três principais casos de feminicídio, mas também entrelaça estes com outros incidentes de feminicídio e episódios em que as mulheres foram submetidas à humilhação, violência sexual e preconceito. Esses eventos são intercalados com reminiscências da memória da própria escritora, que evoca cenários vivenciados de misoginia e agressões sofridas, ou mesmo testemunhadas por mulheres pertencentes à sua esfera pessoal.

Dentre estudos recentes voltados à obra, tanto no Brasil quanto na Argentina destacam-se os trabalhos realizado por Ana Maria Galego Cuinas para o projeto de P&D LETRAL *Inícios da última literatura latino-americana (2001-2015)*, Ministério da Economia Competitividade da Espanha; Unidade da Universidade de Granada, intitulado *Feminismo e literatura mundial (argentina): Selva Almada, Mariana Enríquez e Samanta Schweblin (2020)*.

Este estudo visa explorar a notabilidade singular que a literatura argentina produzida por mulheres adquiriu no século XXI. Um fenômeno surpreendente, uma vez que nunca na história tantas autoras foram publicadas ou obtiveram tão alto nível de legitimidade tanto na esfera acadêmica quanto no mercado literário, tanto em âmbito nacional quanto transnacional. Essa evidência, entretanto, não é uma ocorrência instantânea, mas sim o resultado de um discurso literário de matiz feminista construído ao longo das décadas de 1970 e 1980. Este discurso alcançou seu apogeu de visibilidade e expansão nas últimas décadas, e é este movimento que Cuinas se propôs a analisar.

Da mesma forma, destaca-se a pesquisa de Maria Celeste Soares Ribeiro (2021) com seu artigo sobre a obra de Almada, *A denúncia do feminicídio por Selva Almada e Florita Almada: O real e o ficcional*, Através de uma cuidadosa análise comparativa entre a obra não fictícia de Selva Almada, *Garotas Mortas*, e 2666, a construção ficcional de Roberto Bolaño, com objetivo de desvendar tramas permeadas por feminicídios não punidos. O estudo proposto por Maria Celeste destina-se à avaliação minuciosa do método através do qual a denúncia dos feminicídios é apresentada tanto na narrativa ficcional quanto no relato verídico. Ao mesmo tempo, buscando ponderar o impacto semântico singular em cada texto e de alguma forma, convergindo em seus propósitos, ambos podem ser interpretados como um protesto e um grito de alerta imutável diante da contínua violência infligida às mulheres na sociedade contemporânea.

Já a autora, produtora e narradora do *podcast Praia dos Ossos* Branca Vianna é formada em Letras, possui mestrado em Linguística e formação em interpretação de conferências. Ao longo de seus 28 anos de carreira, atuou como intérprete simultânea e lecionou no Curso de Formação de Intérpretes da PUC-Rio. Sua afinidade com *podcasts* começou em 2018, quando reconheceu o potencial dessa mídia e decidiu explorá-la. A partir desse interesse, lançou o programa "Maria Vai com as Outras" na revista Piauí, abordando temáticas sobre mulheres e o mercado de trabalho. Mais tarde, uniu-se às profissionais Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux para fundar a Rádio Novelo.

Vianna desempenha o papel de co-fundadora e presidente na produtora de podcasts *Rádio Novelo*. A Rádio Novelo destaca-se como a principal produtora de podcasts com abordagem jornalística no Brasil. Inaugurada em 2019, na cidade do Rio de Janeiro, a empresa é responsável por mais de 20 produções, incluindo podcasts de sua autoria e projetos para clientes. No ano de 2020, a *Rádio Novelo* lançou sua primeira série original, "Praia dos Ossos", que rapidamente se tornou uma referência no estilo narrativo de podcasts em língua portuguesa. Em um período de dois anos, a série alcançou a notável marca de mais de 3 milhões de downloads.

Ela é a mente por trás e apresentadora dos *podcasts Maria vai com as outras* (2018) na revista Piauí, assim como *Praia dos Ossos* (2020) e *Crime e Castigo* (2022) na *Rádio Novelo*. Além disso, Branca também é a apresentadora do *Rádio Novelo Apresenta* (2022), um podcast semanal produzido pela empresa. Ao examinar o homicídio de Ângela Diniz, ocorrido em 1976, e lançar o *podcast Praia dos Ossos*, Branca Vianna também fundou a *Rádio Novelo*, que se concentra principalmente em dar prioridade a projetos concebidos por mulheres.

Branca foi impactada pela morte de Ângela Diniz, aos 32 anos, ocorrido na Praia dos Ossos, em Búzios, no ano de 1976, quando ela própria tinha apenas 14 anos. Apesar de não ter interesse em histórias de crime naquela época (o que continua sendo verdade até hoje), ela acompanhou a repercussão do caso através das revistas, que apresentavam fotos de página inteira da vítima. O crime se destacou nos noticiários de segurança pública por duas razões. Inicialmente, os envolvidos eram personalidades de destaque na alta sociedade fluminense e, mais tarde, devido ao surpreendente julgamento do assassino, Doca Street.

Durante o processo, assim como já foi explicado no capítulo anterior, os advogados dele utilizaram a tese da "legítima defesa da honra" como argumento,

retratando Ângela Diniz como culpada pela própria morte, insinuando que seu comportamento libertino teria provocado nele um impulso assassino, uma visão muito machista que a imprensa da época acolheu com benevolência.

Outro ponto destacado por Branca em seu *podcast* é a relação de sua própria mãe com os protestos feministas que exigiam justiça por Ângela no final da década de 1970. O ativismo de sua mãe resultou na descoberta dos nomes de suas duas filhas (além de Branca, ela é mãe de Ana Vianna) na assinatura de um manifesto encontrado por Flora Thomson-DeVeaux, também pesquisadora de Praia dos Ossos. No ano de 2020, o *Praia dos Ossos* foi incluído na seleção dos melhores *podcasts* de 2020 pela *Apple Podcasts* e, nesse mesmo ano, foi indicado ao prêmio *Troféu APCA*, na categoria *Podcast*.

Ao longo de mais de 25 anos, a vida de Vianna esteve ligada ao áudio, passando da interpretação simultânea para os *podcasts*. Sua voz tornou-se conhecida por traduzir discursos de palestrantes estrangeiros em eventos de grande porte no Brasil e no mundo. Desde a era do walkman em 1990, Branca mantém uma conexão íntima com narrativas sonoras. Ela recorda seus tempos de viagem, quando adquire audiolivros em fita cassete, posteriormente em CD, e mais recentemente, baixava-os da internet, antes mesmo do *boom* dos *podcasts*.

Essa relação com o áudio assumiu uma nova dimensão em 2020, quando Branca, narradora e idealizadora, trouxe à tona o caso do assassinato da socialite Ângela Diniz em formato de áudio. O sucesso dessa produção, que destacou o machismo estrutural no Brasil, representou mais um acerto na transição profissional de Branca. Em 2018, aos 56 anos, ela deixou de lecionar interpretação simultânea na PUC-Rio, onde havia trabalhado por mais de uma década, para fundar a *Rádio Novelo* ao lado de Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux.

Embora sempre tenha consumido *podcasts*, mesmo quando ainda não eram populares, Branca Vianna, formada em Letras, inicialmente os utilizava como uma forma de entretenimento e treinamento de línguas de trabalho, essenciais para intérpretes simultâneos.

Dentre estudos recentes voltados ao *Praia dos Ossos*, destaca-se o trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação e Jornalismo pela UFRJ, realizado por Barbara de Oliveira Mendonça, intitulado de *Quem ama não mata: uma análise do podcast Praia dos Ossos (2021)*, que propõe um passeio pela linha do tempo do radiojornalismo no Brasil, desde os primórdios até a chegada da internet e

seus desdobramentos, como o *podcasting*, com o objetivo diversificar o debate e propor uma reflexão sobre a produção de conteúdos radiofônicos.

Destaca-se também o trabalho de conclusão de curso de Gabriella Campos Ferreira do curso de linguística pela UFSCAR, intitulado de *A Reinvenção do Jornalismo Literário no formato Podcast: Uma análise discursiva Foucaultiana de Praia Dos Ossos* (2023), com o objetivo de analisar, por meio da perspectiva discursiva proposta por Michel Foucault (2004) – usando, mais especificamente, os conceitos de enunciado, arquivo e formação discursiva – como o *podcast* conferiu uma dimensão discursiva à produção jornalística. A referida pesquisa destaca ainda a reinvenção do gênero do jornalismo literário no formato de *podcast*, expondo aspectos machistas e as relações de poder presentes na sociedade.

As pesquisas sobre o *Praia dos Ossos* oferecem uma visão abrangente e profunda sobre a influência desse meio de comunicação no cenário jornalístico e literário. A análise histórica de Bárbara de Oliveira Mendonça destaca a evolução do radiojornalismo desde seus primórdios até a era digital, com ênfase no papel significativo do *podcasting*. Por outro lado, Gabriella Campos Ferreira proporciona uma perspectiva mais focada nas dimensões discursivas, utilizando a teoria de Michel Foucault para compreender como o *podcast* confere uma dimensão discursiva à produção jornalística, expondo aspectos machistas e relações de poder.

Ambas as pesquisas convergem ao reconhecerem o *podcast Praia dos Ossos* como um agente de reinvenção do jornalismo literário, destacando sua capacidade de oferecer uma abordagem mais envolvente e literária para a disseminação de informações. Além disso, as pesquisas promovem uma reflexão crítica sobre a produção de conteúdo radiofônico, ressaltando a importância de diversificar o debate e adaptar as práticas jornalísticas às demandas da era digital.

Em síntese, as pesquisas evidenciam a complexidade e a relevância do *podcast* como uma plataforma de expressão que transcende os limites do jornalismo tradicional, oferecendo uma narrativa mais rica e reflexiva para a audiência contemporânea.

É possível notar que a maioria das pesquisas encontradas sobre *Garotas Mortas*, tem como método comparativo outras obras que se atravessam num mesmo tema. O que proponho em minha pesquisa, para além do comparativismo entre os temas das obras, é atravessar comparativamente as obras de Almada a outras áreas do conhecimento, mas especificamente as ciências sociais, a política e a sociologia. Com isso, pretendo explicar alguns fenômenos produzidos na literatura a partir da

construção literária que a autora faz, ao utilizar recursos documentais e memorialísticos, fatos reais e fictícios a fim de construir uma narrativa contundente de denúncia e esclarecimento em um momento de levante dos movimentos sociais na América Latina.

As análises das obras de Selva Almada e Branca Vianna revelam uma compreensão profunda das narrativas femininas, do feminismo e da memória. Almada, como escritora e ativista, aborda questões como feminicídio, aborto e racismo em *Garotas Mortas*, utilizando uma narrativa que entrelaça dados reais e fictícios. Vianna, através do *podcast Praia dos Ossos*, explora eventos históricos, como o feminicídio de Ângela Diniz, destacando camadas sociais e culturais. Ambas contribuem para a reflexão sobre temas cruciais, o que enriquece o panorama literário e jornalístico, fornecendo *insights* valiosos sobre a condição feminina, ativismo e a importância da memória na construção de narrativas impactantes.

É relevante destacar que, para a elaboração dessas narrativas fundamentadas na reconstrução de memórias, as autoras passaram por um processo de recordação em relação às protagonistas dessas histórias, ou seja, as mulheres que foram vítimas de assassinato. Portanto, nas seções subsequentes, considera-se de suma importância analisar o processo de recordação das autoras por meio de gatilhos do cotidiano, os quais influenciaram o desenvolvimento do processo investigativo que culminou na produção de suas obras.

3.1 O PROCESSO DE RECORDAÇÃO DE ALMADA E VIANNA

Em *Garotas Mortas* (2018), Selva Almada adota uma abordagem narrativa que vai além da simples reconstrução dos fatos, mergulhando em um processo de recordação permeado por aspectos ficcionais. A autora busca resgatar as vozes das mulheres assassinadas durante a ditadura argentina, explorando não apenas os vestígios da realidade, mas também preenchendo as lacunas com experiências ficcionais. Esse movimento de reconstrução das memórias, como destaca Derrida (2004), está associado à possibilidade da ficção, do perjúrio e da mentira, revelando as limitações do "literalmente real" quando as vítimas já estão mortas há anos.

No contexto do *testimonio* latino-americano, Almada se posiciona como testemunha das vidas violentadas, associando-se a uma política identitária que busca dar visibilidade aos sujeitos subjugados (PENNA, 2003). Nascida no interior da Argentina, a autora se torna representante desse grupo de mulheres

marginalizadas e vítimas de violência. A obra, assim, se alinha a essa tradição testimonial ao abordar os efeitos da ditadura militar, evidenciando as estruturas de repressão e silenciamento.

O processo de recordação em *Garotas Mortas* não se limita a uma mera exposição de eventos, mas envolve a utilização da ficção como recurso narrativo para preencher os vazios deixados pelo tempo e pelas circunstâncias das mortes. Ao reconstruir as histórias dessas mulheres, Almada busca não apenas acessar as memórias, mas também quebrar o silêncio que envolve essas tragédias, conforme destaca Solnit (2017) ao afirmar que ter voz é essencial para ser reconhecido como participante na sociedade.

Em *Praia dos Ossos* (2020), o podcast aborda o caso Ângela Diniz, utilizando-se do processo de recordação para desconstruir a narrativa que buscou desacreditar a vítima durante o julgamento de Doca Street. A mobilização do movimento feminista da época, conforme registrado no podcast, reflete a resistência contra a aceitação do argumento de legítima defesa da honra e destaca a importância do ativismo na luta contra a violência de gênero.

Ambas as autoras, Selva Almada e Branca Vianna, empregam o ato de recordar como uma ferramenta poderosa para iluminar as vidas daquelas que foram vítimas de violência. Ao mesclar elementos da realidade com a ficção, essas narrativas não apenas apresentam os eventos passados, mas também reivindicam a voz das mulheres que foram silenciadas, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre as questões de gênero e violência.

3.1.1 Recordando Andrea, Maria Luísa e Sarita

“À memória de Andrea, Maria Luísa e Sarita.”

Ao se deparar com as palavras que abrem o livro *Garotas mortas* (2018), o leitor se vê diante de uma dedicatória feita pela autora às suas principais personagens, em uma homenagem solene àquelas que foram deixadas de lado pela sociedade, pelas autoridades e, às vezes, pelas próprias famílias, mas não por Selva Almada, que ainda as carrega vivas em suas memórias, mesmo que de forma indireta.

Como afirma Pollak (1992), memórias podem ser construídas a partir das lembranças dos noticiários, das histórias contadas por sua mãe ou outras pessoas.

A narrativa de Almada, se inicia ao descrever um dia comum de sua adolescência no interior da Argentina, que é atravessada pelo noticiário na rádio: uma jovem, Andrea Danne, que foi assassinada em seu próprio quarto, enquanto dormia durante a madrugada com um golpe de faca no coração: “Eu tinha treze anos e, naquela manhã, a notícia da garota morta me chegou como uma revelação. A minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo” (ALMADA, 2018, p. 12).

As mortes iam perseguindo de alguma forma a jornalista, e, durante toda sua vida, a cada notícia de morte de alguma mulher em condições análogas, acendia em sua memória as lembranças dessas garotas assassinadas. É muito difícil não relacionar esses casos do romance com os casos de feminicídio que vemos nos dias atuais. Almada mergulha nos ecos dessas mulheres, posicionando-se na moldura de um passado esquecido, tecendo a tapeçaria do presente enquanto desfila suas próprias nuances de vida.

Ela se torna a arqueóloga de uma história perdida, guiando uma escavação poética na qual documentos, relatos, entrevistas e elementos ficcionais convergem para criar uma reconstituição preciosa das vidas dessas jovens. Literatura — um vaso criativo, uma alquimia de palavras — é o médium que coabita com a experiência, com o corpo e a sua voz. Porque, como pontuou Sarlo (2007), “a linguagem redefine a mudez da vivência, resgata-a do imediatismo ou do aniquilamento no esquecimento, transmutando-a em algo partilhável” (p.24). E essa transformação, quando transposta para papel, faz da experiência uma cidadã do mundo, rompe as muralhas da amnésia e se metamorfoseia numa narrativa sem prazo de validade - sempre ao alcance da compreensão.

Tudo é feito com o objetivo de trazer à tona as memórias sepultadas destas protagonistas. O capítulo inicial, tecendo habilmente a narração em primeira pessoa e a em terceira pessoa, entrelaça as vivências da autora ao enredo de Andrea, María Luísa e Sarita, analisando o que poderia afetar a semelhança e a dissonância entre elas. Adiciona-se a elas um conglomerado de outras mulheres, alvos contínuos da violência baseada em gênero, o feminicídio:

Durante mais de vinte anos, Andrea esteve por perto. Voltava de quando em quando com a notícia de outra mulher morta. Iam se acumulando os nomes que apareciam a conta-gotas nas manchetes dos jornais de circulação nacional: Maria Soledad Morales, Gladys McDonald, Elena Arreche, Adriana e Cecilia Barreda, Liliana Tallarico, Ana Fuschini, Sandra Reitier, Carolina Aló, Natalia Melman, Fabiana Gandiaga, Maria Marta Garcia Belsunce, Marela Martinez, Paulina Lebbos, Nora Dalmaso, Rosana Galliano. Cada

uma delas me levava a pensar em Andrea e em seu assassinato impune (ALMADA, 2018, p. 12).

Tendo em vista que “a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado”, é possível concluir que “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração” (SARLO, 2007, p. 24). Segundo Freud, em *Escritores criativos e devaneios* (1974), esse trabalho da mente se junta como um impresso mental, que através de gatilhos, retorna a uma lembrança passada, desencadeando o desejo de unir passado e o presente (FREUD, 1974, p. 138).

A partir desse pensamento, é possível afirmar que os casos de feminicídio noticiados na atualidade, serviram de gatilho para que as lembranças da adolescência da autora viessem à tona, e, com elas, um desejo de escrever sobre essas lembranças, como uma forma de romper o silêncio e fazer justiça. Assim, já no início da obra, a autora aborda a insegurança que sentia quando era jovem, estabelecendo uma relação com essas três mortes não solucionadas com a sua própria realidade.

Logo nas primeiras recordações de violência que a autora tem de sua infância e adolescência, assim como parte de sua vida adulta, é possível perceber essa sensação de auto identificação. Tais lembranças são tão marcantes que trazem esse ímpeto de escrever, unir o passado ao presente, como afirmava Freud. Reiterando novamente a motivação dessa escrita de forma criativa “motivação pela ocasião presente” - assassinatos das jovens - com as “lembranças passadas” - os casos ainda sem solução.

Em um paralelo criativo, a obra tem início no verão de 1986, mas também traz à luz este mesmo momento durante o seu epílogo. Contrapõe-se ao conceito comum de um ciclo - pois o feminicídio, infelizmente, permanece uma presença constante no país. Não obstante, ressoa nesta narrativa uma vivência atravessada, uma continuidade existencial que se insurge ante à morte. No íntimo desta passagem, a jornada angustiante das referidas mulheres forja a individualidade única de Selva Almada. Sua existência duradoura e seu contínuo persistir no mundo conferem maior autenticidade à sua exploração, integram-na aos anais históricos por meio de uma espécie de autobiografia, simultaneamente como protagonista e participante comprometida.

Durante a progressão do livro, ela expõe as corrupções e impunidades e tenta responder um interrogatório implícito: “Como chegamos neste ponto?”. Na narrativa,

é imprescindível decifrar o presente e, para tal propósito, é fundamental a reconstituição do passado. A lembrança das mulheres no livro posiciona-se como contraponto à história oficialmente documentada. Esta memória, que Pollak designa como subterrânea, demanda um compromisso investigativo intensivo; pois foi historicamente negligenciada (POLLAK, 1989, p. 5). E é sob esses véus ocultantes, nesses destroços e ruínas que se evidencia a necessidade expressiva de ressuscitar estas histórias omitidas.

Sendo assim, toda essa investigação que há no texto é literária, ou seja, ela se constrói esteticamente por meio da sua própria reorganização memorialística à procura por respostas. Isso equivale a traçar um artifício escritural que congrega ética, lembrança, estética e política a fim de refletir sobre a natureza dessa violência. Por que, afinal, as mulheres são mortas apenas pelo fato de serem mulheres, e como suas mortes se tornaram algo tão banal na sociedade? Para isso, é necessário pensar, por exemplo, nos matizes culturais e sociais que muitas vezes encobrem a figura do agressor:

estupradores, sempre homens desconhecidos que pegavam uma mulher e a levavam para o matagal, ou que invadiam sua residência, arrombando a porta. Nunca se falava que você podia ser abusada pelo marido, pelo irmão, pelo vizinho, pelo professor ou até mesmo pelo próprio pai. Por algum homem que você depositasse a sua confiança." (ALMADA, 2018, p. 24)

No decorrer da investigação de Almada, detalhes antes esquecidos pela passagem do tempo são trazidos à tona; a ineficácia e violência brutal da polícia, a indiferença crua dirigida às mulheres, o abafamento sistemático dos arquivos e as particularidades íntimas de cada caso. O relatório da autópsia de Andrea, por exemplo, revela que ela "provavelmente se encontrava em um sono tranquilo, reclinada em decúbito dorsal, quando seu agressor teria se aproximado sorrateiramente à sua direita, empunhando o instrumento de morte com sua mão direita" (ALMADA, 2018, p. 90). Essas descobertas pintam um quadro possivelmente aterrador de defesa impossibilitada e de uma crueldade impiedosa. Esses elementos levam a autora a ponderar sobre as possibilidades do desespero silencioso sentido pela vítima, um cenário infeliz que é então pintado mais vividamente por meio da ficção.

Como peças cruciais na misteriosa trama, os vestígios elevam-se como fantasmas de um passado perdido, trazendo à tona a realidade do corpo e sua materialidade intrínseca. Essenciais ao processo de trazer à luz novos contornos e

perspectivas dessas mulheres, brilham como um farol guiando-nos pelo caminho para a justiça. Confrontam as verdades aparentemente absolutas, expandindo nosso olhar sobre o caso perplexo de María Luisa.

Através das páginas empoeiradas dos depoimentos e questionamentos, descortina-se o drama das inseparáveis Norma e Elena, intimidadas a disfarçar a verdade inicialmente. "Perante o juiz, negaram-lhes todas as declarações que haviam entregue à polícia e apresentaram queixa por coerção ilegítima, revelando os hematomas de assédio físico forçado para lhes arrancarem depoimentos falsos" (ALMADA, 2018, p. 68). Qual poderia ser o motivo de forçar essas mulheres a mentirem? Quem ganharia com a violação não apenas do corpo de María Luisa mas também de sua memória imperecível? O texto, agora, ecoa com mais vigor estas perguntas cruciais.

As reflexões extraídas da realidade através do processo investigativo, ao intrinsecamente vincularem-se à narrativa, provocam uma tensão e questionam o conceito de ficção em relação à racionalidade nela contida e os modos de interpretação da realidade histórica e social – ponderando a racionalidade nas criações ficcionais contra a dos fatos concretos (RANCIÈRE, 2005, p. 52).

Este processo dinâmico e sempre em transformação permite que as trajetórias das três jovens delineiem o curso do livro, ao mesmo tempo em que propiciam à autora a oportunidade de guiar a percepção do leitor para além das concepções estereotipadas de gênero. A memória e o esquecimento exercem papéis cruciais na remodelagem de nossas histórias passadas. Salienta-se que a "lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas, e algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança 'comprometedora' preferem, elas também, guardar silêncio" (POLLAK, 1989, p. 6).

Contudo, por uma lente alternativa, o silêncio que permeia os arquivos e registros pode incorporar um esforço implacável e cruel para apagar existências rotuladas como abomináveis ou inferiores, abraçando um cenário misógino e patriarcal no qual a sociedade se ancora.

Enquadrada tanto como narradora quanto autoridade inscrita no trabalho, Selva Almada assume o compromisso de não reduzir ao esquecimento as mulheres que representa, expondo os traumas que moldaram suas vidas. Em *Garotas Mortas*, uma narrativa que alinhava com perícia a ficção aos fatos reais, ela conduz um processo de empatia e reconhecimento mútuo, fundindo a perspectiva individual

com a coletiva para ressaltar que não se trata apenas de instrumentos de recordação. Seu trabalho vai além, numa necessária tentativa de romper os silêncios opressivos. É uma forma corajosa e ética de revelar o rosto de um legado cruel, fomentando reflexões críticas para impedir que tais atos de violência sejam normalizados.

Invocar presença e forma em *Garotas Mortas* deve ser interpretado metaforicamente, não de maneira direta. De acordo com Rancière (2005), a restauração da corporalidade na literatura não visa retratar seres vivos fisicamente tangíveis, mas propõe uma reestruturação dos discursos e significados buscando formar coletividades que redistribuam papéis, territórios e linguagens. O intento é marcar território no palco simbólico onde ocorre a batalha dos discursos. Como uma contadora autêntica de histórias, Selva Almada tece narrativas onde realidade e memória convergem. Revela-se não só na condição de autora, mas também como eco de vozes femininas silenciadas, colecionando ossos e histórias de mulheres perdidas.

Esse trabalho é seu perene manifesto, um protesto criativo contra a condição feminina na modernidade. Conforme destacado por Suzi Sperber, a refabricação da memória ocorre sempre que experiências e eventos são novamente apresentados e reconstruídos, não só com base em fatos, mas também através das emoções profundamente impregnadas de quem as vivenciou, abrindo uma janela para a sua reinterpretação. Tal reconfiguração se manifesta em todas as facetas da existência humana (SPERBER, 2009, p. 574), metamorfoseando o corpo em um receptáculo de lembranças primordiais. Nesse contexto, Selva Almada ressalta o valor do envolvimento fraternal na jornada de desvendar e compreender a dolorosa perda das três jovens vidas tragicamente ceifadas.

Em sua narrativa, Almada recorre a um elemento que, conforme observamos, se destaca: ela posiciona-se solidária com as garotas, desvendando-se não apenas como uma sobrevivente de abusos, mas também uma vítima. Esta realidade ganha contornos cristalinos no trecho onde ela rememora o assédio na juventude, uma experiência traumática vivida durante uma carona: “sem parar de falar e dirigir, esticou o braço e começou a me apalpar os seios. Gelei, como o cinto de segurança atravessado no peito. Sem afastar os olhos da estrada, o sujeito me disse: você sozinha pode detectar qualquer nódulo suspeito, mexendo assim, está vendo?” (ALMADA, 2018, p. 20-21).

Ao compor sua narrativa, Selva Almada plenamente estampa a experiência dentro de um quadro temporal que não representa a manifestação dos fatos conforme ocorreram originalmente, mas sim como se revelam em sua memória (SARLO, 2007, p. 25). A autora faz mais do que simplesmente reviver o palco do passado; ela rejuvenesce e atualiza a experiência vivenciada, tornando-se testemunha ativa. Com profunda empatia e sororidade, Almada partilha com as jovens, embora já falecidas, aquilo que as unifica e as distingue: a brutalidade vivida e o inevitável destino final - a morte.

Revela-se a problemática dos corpos, e paralelamente, das narrativas dessas mulheres, que foram coletadas e amontoadas como objetos, apenas para serem, em seguida, descartadas e relegadas ao esquecimento, lembradas unicamente como um número no vasto mar de estatísticas. Andrea, María Luisa e Sarita são protagonistas de uma realidade abrangente que se desdobra diante do leitor. Encontram-se imersas numa atmosfera permeada pela banalização da violência. No entanto, são conduzidas à luz da memória coletiva sempre que o episódio dramático de uma nova vítima ressurge, funcionando como uma bandeira erguida para denunciar tanto o feminicídio quanto a ampla escala de violências baseadas em gênero.

A regimentação dos corpos femininos advém de uma compulsão controladora sobre as individualidades e exigências das mulheres. Inconscientemente relegadas ao papel de objeto de discurso externo, parecem estar limitadas a um papel tradicional de viver em sintonia com os desejos masculinos, subsistindo graças à benevolência de seus companheiros - arquitetos da casa e zeladores do lar. Quando a mulher é percebida na posição do "outro", esse ser supostamente castrado conforme a perspectiva de Guacira Lopes Louro (2010, p.14-15), seu significado cultural é imposto à sombra do homem. O que, infelizmente, ao longo da história e na particularidade da narrativa em análise, serviu para sancionar injustificadamente o despojamento de sua humanidade e para perpetuar a violência de gênero.

Mulheres que tentam escapar, mesmo que minimamente, dessas amarras, são brutalmente condenadas à perdição final, como é o exemplo da destemida Bety, matriarca dos Serrados e Laques. Após incontáveis ciclos de abusos e agressões, ela abraçou a trágica decisão de se enforcar. Com o passar do tempo, e após a sua morte, um boato se espalhou de cidade em cidade, contando uma versão de que o marido tinha assassinado Bety – um crime macabro dissimulado sob a perversa máscara de um falso suicídio “tinha matado a mulher e ocultado o crime simulando

um suicídio. Podia ser. Também podia ser que ela mesma tivesse se enforcado, farta da vida que levava” (ALMADA, 2018, p. 36). A autora enfatiza inequivocamente que o feminicídio é uma realidade comum e condenável, independente de ser perpetrado indiretamente ou através do parceiro.

A reinterpretação e rememoração dos acontecimentos possibilitam uma restauração do significado (SPERBER, 2009, p. 574), que se manifesta no texto como a reinvenção das vidas das três jovens falecidas. Selva Almada não somente as libera do confinamento silencioso, mas também conduz um revelador resgate dos seus corpos, sacraliza essas existências, desvenda os proibidos ocultos e subverte a falaciosa narrativa patriarcal.

A autora habilidosamente intromete o passado dessas mulheres em sua própria narrativa, criando um diálogo entre presente e passado que mantém vestígios do sagrado, tanto no anseio de compreender o outro quanto na vontade de salvar o outro, como também moldando seu gradual desenvolvimento como presença ativa que habita este mapeamento da violência argentina.

3.1.2 Recordando Ângela Diniz

“Ângela teve muitas famas diferentes. Ela foi “a moça da missa das dez”, ela foi a “grega que parou o baile de carnaval” e ela foi a “noiva do ano.”

Embora o podcast *Praia dos Ossos* não tenha sido inicialmente concebido para destacar Ângela Diniz como símbolo na luta contra a violência às mulheres, foi necessário, por meio de um processo de recordação, resgatar a figura dessa mulher. Esse resgate é essencial para compreender como se desenrolou todo o processo de violência que resultou em sua morte.

No episódio 3, intitulado *Ângela*, Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux viajam até Belo Horizonte para investigar a vida de Ângela Diniz. Através de entrevistas com Celina Albano e Jacqueline Pitanguy, amigas de Ângela desde a infância e colegas de escola no "Santa Marcelina", descrevem o ambiente elitizado e elegante do colégio. Celina destaca que o colégio tinha aulas de etiqueta e elegância, formando "donas de casa exemplares" (PRAIA DOS OSSOS, 2020), refletindo as expectativas de formação para jovens na década de 1960.

O episódio também explora a relação de Ângela com sua mãe, Maria Diniz. A colunista Anna Marina Siqueira, amiga da mãe de Ângela, comenta sobre a visão idealizada de Maria sobre a filha, onde tudo que Ângela fazia era considerado perfeito. Celina Albano acrescenta que Ângela cresceu em um ambiente onde seus desejos eram prontamente atendidos pela mãe, resultando em uma jovem cheia de vontades e singularidades.

Que a mãe, apesar de começar a já formatar, eu acho que eu posso falar essa palavra pra Maria, formatar a vida da Ângela. Ela disse: 'Olha, minha filha, você vai por esse caminho, entendeu? (...) Caminho de um bom casamento, segurança, boas condições econômicas... Tudo a Maria queria para a Ângela nesse sentido, usar a beleza dela para fazer um bom casamento e ela ficar tranquila (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Esse processo de investigação, conduzido por Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux, pode ser associado ao conceito de recordação proposto por Jacques Pollak em 1989. A exploração das memórias de pessoas próximas à Ângela, aliada às experiências vividas na escola e na relação com sua mãe, contribui para a reconstrução do passado e a compreensão mais profunda do contexto que culminou na tragédia de Ângela Diniz.

Nesse contexto, as entrevistas realizadas durante a investigação funcionam como uma forma de recordação coletiva. Ao ouvir relatos de amigas de Ângela, como Celina Albano e Jacqueline Pitanguy, e de uma amiga próxima de sua mãe, Anna Marina Siqueira, as pesquisadoras têm acesso a diferentes perspectivas e memórias que contribuem para a reconstrução do passado. Essa abordagem permite não apenas compreender os eventos de maneira mais abrangente, mas também capturar nuances e subjetividades que podem escapar de uma análise mais objetiva.

Ao explorar o ambiente da escola "Santa Marcelina", com suas aulas de etiqueta e formação para serem "donas de casa exemplares", as pesquisadoras contextualizam Ângela Diniz dentro das expectativas sociais da época. Essa contextualização é fundamental para entender não apenas a vida de Ângela, mas também os elementos que moldaram sua personalidade e experiências. A relação entre Ângela Diniz e sua mãe, Maria Diniz, também é abordada de maneira profunda. A visão idealizada de Maria sobre a filha e a forma como atendia aos desejos de Ângela são elementos essenciais para compreender a dinâmica familiar e as influências que moldaram a vida da protagonista.

Assim, a combinação da investigação minuciosa, das entrevistas e da análise contextual reflete não apenas o processo de recordação individual, mas também contribui para uma reconstrução coletiva e social da história de Ângela Diniz. Esse enfoque ampliado proporciona uma compreensão mais rica e sensível dos eventos que culminaram na tragédia, destacando a importância de considerar as dimensões sociais e subjetivas ao abordar a memória e a história de uma pessoa.

Para compreender as origens das reflexões apresentadas por Selva Almada e Branca Vianna ao longo de suas obras, torna-se necessário explorar o contexto histórico e político em que essas histórias se desenrolaram, assim como percorrer o caminho do pensamento feminista, intrínseco às autoras, como uma tonalidade de suas memórias e engajamento.

Com o intuito de alcançar esse objetivo, o próximo capítulo desta dissertação é dedicado a explorar a presença do feminismo na literatura, tanto na Argentina quanto no Brasil. Serão abordadas reflexões sobre a interseção entre feminismo e literatura, a princípio, apresentando os principais movimentos feministas durante o período dos assassinatos (femicídios) e em seguida analisar as obras à luz das suas contribuições.

4 LITERATURA E FEMINISMO

De acordo com a historiadora Michelle Perrot (2007), ao longo de séculos, as mulheres foram impedidas de aprender a ler, o que consequentemente as privava da capacidade de escrever. No século XX, as mulheres brancas da elite começaram a adquirir habilidades de leitura, muitas vezes motivadas por necessidades práticas, como auxiliar os filhos nas tarefas escolares ou colaborar com os trabalhos dos maridos. Entretanto, para elas, escrever não foi uma tarefa fácil, e sua produção textual permanecia restrita ao âmbito privado, limitando-se à correspondência familiar ou à gestão contábil de pequenos negócios (PERROT, 2007, p. 97). Vale destacar que, devido à falta de familiaridade com textos literários, as obras produzidas por mulheres eram frequentemente classificadas como inferiores.

A renomada autora britânica Virginia Woolf, assim como Simone de Beauvoir, desempenha um papel crucial no cenário feminista e figura de destaque nos estudos feministas. Woolf aborda questões de gênero com ênfase no campo literário, apresentando debates pertinentes sobre o acesso das mulheres ao mercado editorial. Em seu livro "Um Teto Todo Seu", Woolf destaca uma problemática relevante para a participação feminina no mercado editorial desde as primeiras páginas, afirmando que "uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo dela se ela se dispõe a escrever ficção" (WOOLF, 2020, p. 10). A autora retrata as disparidades entre homens e mulheres, bem como as condições sociais, políticas e econômicas que moldam a perspectiva feminina, influenciando sua visão de mundo e interferindo em sua produção literária.

Nas primeiras décadas do século XX, a construção da subjetividade feminina, como expressão discursiva da identidade do sujeito feminino no contexto específico do discurso poético, herda, de acordo com Mária Russotto (1994, p. 812, tradução nossa), uma série de "desfoques e distorções da antiga origem, duplamente desfocados e reajustados à luz do contexto latino-americano". O cenário cultural desse período presencia uma multiplicidade de fenômenos que rompem com os padrões sociais estabelecidos, avançando em direção a uma emancipação intelectual: fragmentação de estilos, vidas e correntes artísticas; mudanças na estabilidade social, prosperidade e abandono; abertura ao exterior e redescoberta das regiões interiores; certa democratização das formas artísticas e o ressurgimento de antigos sistemas políticos autoritários. Esses anos são marcados por renovação e identificados como o "ouro da poesia latino-americana" (ibidem, p. 812-3).

Na contrapartida, na Argentina, a participação da mulher na vida social ainda é restrita. Os esforços das instituições educativas e da reforma pedagógica de 1902 a 1920 possibilitam uma maior integração das mulheres na esfera social. Contudo, esses avanços, impulsionados pelo desejo de emancipação e legitimação de um espaço público, geram distorção e ambiguidade. O papel público imposto à mulher a separa do privado, ainda influente na escrita literária como o domínio de expressão de sua personalidade ou o registro dessa ambiguidade, em alguns casos escriturais.

A crítica de Francine Masiello (1997), em *Entre civilización y barbarie: mujeres, nación y cultura literaria en la Argentina moderna*, estabelece uma relação entre o estudo da história das mulheres na Argentina e a perspectiva política. Ela reexamina a relação entre as mulheres e a cultura argentina desde o início do século XIX, caracterizado como um mundo pós-colonial secularizado, até meados de 1930, uma década que culminou em uma longa experiência de modernização que, na verdade, terminou em fracasso (Masiello, 1997, p. 12, tradução nossa), visto que as vanguardas se tornaram uma realidade nacional.

As ações femininas mais impactantes na América Latina, estendendo-se à Argentina, derivam da cultura argentina, graças à tradição das *belles lettres*, que estabeleceu um eixo de identidade feminina fora das concepções míticas. Dentro das dimensões não utópicas, "a Argentina revela uma tradição literária cheia de contradições, oscilando entre um conservadorismo doméstico, cujo eixo é o lar e a família, e um discurso anárquico, às vezes subversivo, minando a lealdade das mulheres às retóricas nacionalistas" (ibidem, p. 12).

Portanto, não afirmamos que o feminismo atingiu seu ápice. Pelo contrário, há uma necessidade urgente de solidariedade entre as mulheres, que deve persistir na luta por igualdade de direitos em meio a ideologias impregnadas pelo machismo, vestígios de um passado patriarcal. Ao observar a história, é notável que as mulheres foram por muito tempo excluídas do domínio literário. Assim como em diversas outras áreas, o espaço da escrita literária era reservado exclusivamente aos homens, considerados detentores dos consagrados "cânones literários". Algumas mulheres que buscavam integrar-se nesse meio eram obrigadas a fazê-lo de maneira discreta, utilizando pseudônimos, como salienta a pesquisadora Luísa Lobo:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia,

por assim dizer, através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (LOBO, 1998, p. 5).

Durante muito tempo, as mulheres foram predominantemente retratadas pelo discurso masculino em diversos campos, como literatura, filosofia, biologia e história, entre outros domínios do conhecimento. Essas representações, frequentemente consideradas verdades sobre o gênero, eram, na realidade, interpretações moldadas por objetivos específicos. Nesse contexto, a filósofa Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2003), argumenta que as mulheres não apenas foram representadas, mas mal representadas ao longo do tempo. Butler sustenta que o discurso elaborado por outra pessoa é sempre uma interpretação, incapaz de representar totalmente e com precisão, sendo, além disso, moldado por objetivos específicos. No que diz respeito ao conceito de representação, há múltiplos significados, incluindo a ideia de que representa o ato de substituir e retratar a realidade, a sociedade e o contexto histórico em que estão inseridos, ou seja, manifesta marcas culturais que influenciam a produção do discurso.

Assim, ao longo de um extenso período, as representações de personagens femininas na literatura foram moldadas conforme estereótipos culturais da época, ditados pelo sistema patriarcal. Isso é exemplificado pela pesquisadora e professora Lúcia Osana Zolin (2009, p. 328), que aponta para arquétipos como "a mulher sedutora, perigosa e imoral", "a mulher como megera", "a mulher indefesa e incapaz" e, entre outros, "a mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam". Nota-se que apenas a última, a representação da mulher como anjo, é vista de forma positiva. Com o surgimento do movimento feminista a partir da década de 60 e as diversas conquistas alcançadas pelas mulheres nos âmbitos social, econômico, político e literário, as mulheres passaram a ter a oportunidade de representar seus próprios personagens de forma autêntica.

Antes de prosseguir com a análise da literatura produzida por mulheres, possibilitada pelas conquistas do movimento feminista, é relevante traçar uma periodização do percurso histórico da escrita literária feminina. A pesquisadora americana Elaine Showalter (1986) dividiu a literatura inglesa em três etapas: a feminina (1840-1880), caracterizada pela repetição dos padrões tradicionais ainda vigentes na sociedade, predominantemente masculinos, e pelo uso de pseudônimos devido à restrição das mulheres em escrever; a feminista (1880-1920), marcada pelo protesto contra a exclusão e pela contestação das próprias condições das mulheres;

e, por fim, a fase denominada de "fêmea," que se estende de 1920 até os dias atuais, surgindo com a conscientização das mulheres sobre sua autorrealização.

Para exemplificar esse processo que une literatura ao pensamento feminista, trago como exemplo o processo de produção literária feita por mulheres no Brasil através das contribuições da pesquisadora Elódia Xavier em seu artigo intitulado "Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória" (1998), que adaptou, com algumas alterações cronológicas, essas mesmas fases para a trajetória da autoria feminina na literatura brasileira. Dessa forma, podemos identificar três fases distintas na trajetória da literatura feminina.

A primeira é a fase feminina, que se inicia por volta de 1859 com o romance "Úrsula" de Maria Firmina dos Reis. Nesse período, a representação da mulher era marcada por características pejorativas, fragilidade e indefensão, refletindo a persistência do modelo patriarcal predominante na época. A segunda fase é a feminista, que tem início em 1944 com a obra "Perto do coração selvagem" de Clarice Lispector. Nesse contexto, as mulheres começam a questionar sua condição, alinhando-se com os ideais do movimento feminista. Por fim, a terceira fase, denominada de fêmea ou mulher, emerge a partir de 1990.

Nesse período, a literatura feminina passa a ser orientada pela autonomia na representação das mulheres, dispensando os questionamentos anteriores. Como destaca Luísa Lobo (2010), essa fase proporciona à mulher a oportunidade de "expressar sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que sempre constituem um olhar da diferença".

Ao longo desse percurso, à medida que o movimento feminista avançava e se consolidava, a literatura de autoria feminina experimentou transformações significativas. Inicialmente marcada pela reprodução de estereótipos machistas, a segunda fase trouxe não apenas a presença marcante de Clarice Lispector, mas também de outras autoras como Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Lya Luft, entre outras. Essas escritoras ocuparam espaços importantes na representação de personagens femininas que, muitas vezes, questionavam seus papéis na sociedade, nos casamentos e em suas casas. Esse período foi crucial para a literatura, pois representou uma percepção mais profunda da condição de submissão da mulher ao homem.

A significativa produção literária de autoria feminina, a partir desse momento, desempenhou o papel de desestabilizar a legitimidade tradicional da representação da mulher na literatura canônica, que não correspondia à diversidade de identidades

femininas. Como resultado, a crítica feminista ganhou força no Brasil a partir da década de 1980. As pesquisas embasadas nessa crítica indicam uma reestruturação da identidade feminina representada na literatura, revelando desejos, ambições e trajetórias que se afastam do modelo tradicional, por tanto tempo difundido e imposto pelo sistema patriarcal.

Entre o século XIX e o século XX, é evidente que o cenário da literatura feminina passou por significativas transformações. Este período de mudanças coincide com o crescimento do movimento feminista nas décadas de 60 e 70, na Europa e nos Estados Unidos, o qual desencadeou alterações significativas na condição da mulher também no Brasil. Nesse contexto, as mulheres passaram a desfrutar de maior autonomia na produção de seus textos e de uma liberdade ampliada, uma vez que suas produções literárias deixaram de estar restritas ao âmbito privado. Importa salientar que estamos nos referindo, principalmente, a mulheres com poder aquisitivo (TELLES, 1989).

Nos anos 1980, as mulheres tornaram-se ainda mais engajadas "nas causas sociais de seu tempo" (PINSKY, 2020, p. 539). As pautas de igualdade, combate mais efetivo contra a violência sexual e a discriminação são alguns dos temas que permeiam a militância feminina nesta época.

A fim de articular de maneira mais eficaz as relações entre literatura e feminismo nas obras analisadas nesta dissertação – uma da escritora argentina Selva Almada e outra da *podcaster* brasileira Branca Vianna –, é essencial explorar os movimentos feministas desses dois países. Tal abordagem visa proporcionar uma compreensão aprofundada das discussões apresentadas nas obras em questão, considerando-as como manifestações feministas.

4.1 O FEMINISMO NA ARGENTINA

“Los derechos no se mendigan, se conquistan!”

Julieta Lanteri

Na Argentina, o movimento feminista tem suas raízes cravadas ao final do século XIX e no início do século XX (1900-1947), um período em que vigorava uma legislação civil que delineava a inferioridade jurídica da mulher. A anulação dessa inferioridade legal, aliada à batalha inflexível por educação, apoio dedicado às

genitoras e ao direito inalienável do voto, repercutiam como as mais elevadas demandas daquela época. A discussão sobre o aborto, uma questão espinhosa na sociedade, emergiu de forma abrangente na década de 70 - uma época na qual a Argentina estava sob jugo de uma ditadura militar. Este fator desempenhou um papel importante ao moldar a direção do movimento feminista na América Latina.

O movimento feminista na Argentina tem se engajado incansavelmente em discutir o aborto, sendo este um dos maiores obstáculos encontrados nas reivindicações feministas, refletindo no direito impactante de decidir sobre o próprio corpo. Para Dora Barrancos (2022), o feminismo chegou na Argentina, pela necessidade de acompanhar a modernidade do pensamento feminino, influenciado pelo feminismo europeu:

O feminismo chegou a Argentina no fim do século XIX, e não é surpreendente que tenha atraído um bom número de simpatizantes devido a transição ao urgente passo para a modernidade que se vivia, para a interação com a Europa em grande medida produzida pela inundação imigratória e também pela presença precoce do socialismo na área metropolitana de Buenos Aires (BARRANCOS, 2022, p. 203)

A crescente politização do movimento feminista tem deixado a sua marca de forma bastante efetiva em eventos recentes. O principal exemplo ocorre todo dia 8 de março, quando mulheres ao redor do mundo se unem para uma Greve Internacional. Com o lema poderoso "se nossas vidas não valem, produzam sem nós", elas desafiam os governos e o setor empresarial que, por vezes, subestimam o poder e a importância feminina. A Argentina foi pioneira no fortalecimento deste dia de ação, dando início ao movimento *Ni Una Menos*, em 2015, como uma resposta vigorosa aos feminicídios e outros aspectos da opressão machista.

Este movimento incrivelmente bem-sucedido mobilizou mais de um milhão de pessoas por toda a nação sul-americana. No ano seguinte, surgiu a primeira greve nacional de mulheres que ganhou apoio internacional por todo o continente latino-americano e além dele. Tais manifestações foram fundamentais para gerar contínuas reuniões de ativistas feministas e organizações sindicais e sociais. Esses encontros pavimentaram o caminho para a já mencionada Greve Internacional das Mulheres que ganhou notoriedade significativa no ano de 2017.

Em meio às lutas e reivindicações do movimento de mulheres na Argentina, é importante destacar os estudos relacionados a movimentos sociais e classes, profundamente explorados pelas sociólogas Elizabeth Jelin (2007) e Graciela Di

Marco (2012). Jelin, da Universidad Nacional de San Martín (UNSM) , conhecida por sua pesquisa multidimensional sobre direitos humanos, memórias de repressão política, cidadania, gênero e questões familiares, que destaca o papel crucial da memória na contínua resistência contra a "institucionalização do esquecimento", afirmando enfaticamente que o esquecimento não pode ser imposto através de decretos políticos que tentam ofuscar a lembrança dos desaparecidos e proteger os responsáveis por crimes hediondos.

Da mesma forma, Di Marco da Universidad Nacional de San Martín (UNSM) na Argentina - onde lidera o Centro de Estudios sobre Democratización y Derechos Humanos e se dedica ao estudo das mulheres piqueteras, democratização, movimentos sociais e direitos humanos - nos traz luz sobre o interessante conceito do movimento feminista. Este é um retrato de uma edificação na Argentina, representando a batalha contínua entre o Catolicismo e as aspirações de um laicismo mais profundo e uma democracia forte. É uma luta que destaca os direitos das mulheres, posicionados contra um estado dominante e uma cultura latino-americana definida por sua postura conservadora nas relações de gênero (Di Marco, 2010, p. 162).

No que diz respeito às publicações fundamentais sobre o movimento feminista na Argentina, é digno de destaque a obra da ativista *queer*, Mabel Belluci, intitulada "História de una desobediência: aborto y feminismo" (2014). Este material é imprescindível para se aprofundar no entendimento da batalha das mulheres argentinas por direitos e igualdade. Configura-se particularmente, como um minucioso levantamento histórico das narrativas feministas e também chama a atenção pela abordagem enfática e crítica em torno da questão da criminalização do aborto.

Ao explorar o universo do ativismo feminino na Argentina, é impossível ignorar a presença maciça e transformadora do *Ni Una Menos*. No entanto, é igualmente crucial reconhecer o valor e o impacto de grupos como o *Pan y Rosas*. Esta entidade se consolidou como uma das principais facções militantes femininas de alcance internacional, carregando consigo uma bandeira de feminismo anticapitalista e socialista, que propõe um olhar crítico sobre a predominância das questões puramente identitárias no feminismo ocidental. Enquanto parte integrante e atuante do chamado à greve geral de mulheres, o *Pan y Rosas* busca através de suas ações a verdadeira emancipação da mulher, lutando contra todas as formas de opressão.

Eles destacam consistentemente que, apesar dos direitos ganhos nas recentes décadas no contexto das democracias capitalistas, a opressão patriarcal e a exploração não foram efetivamente erradicadas.

Evidencia-se que as mulheres, enquanto parte mais oprimida da classe trabalhadora, adquirem uma posição de destaque na luta pela emancipação. Desta forma, torna-se crucial uma análise aprofundada da caracterização do feminismo que emergiu no cenário político mundial, com um enfoque acentuado da mulher trabalhadora. Angela Davis e Nancy Fraser são figuras proeminentes que têm se alinhado ao combate por um feminismo voltado aos 99% da população, opondo-se ao "feminismo neoliberal". Neste contexto, ressalta-se a publicação "Feminismo para os 99%: um manifesto", lançada em 8 de março de 2019 em diversos países, incluindo o Brasil. De autoria de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, a obra é um poderoso convite à reflexão sobre o imperativo de um feminismo não apenas amplo, mas anticapitalista, antirracista e antiLGBTfóbico - e este intrinsecamente ligado à perspectiva ecológica -, expandindo, conseqüentemente, o universo feminista (ARRUZZA, 2019).

Explora-se a variedade dessas múltiplas perspectivas feministas - seja ela representada pelo feminismo para os 99% (Arruzza, 2019), o feminismo subalterno (Ballestrin, 2017), ou até mesmo através da lente do feminismo decolonial (Lugones, 2014). Tal diversidade se manifesta também na esfera popular e na pauta anticapitalista e socialista (D'Atri, 2017). É esse mosaico de vertentes feministas, ilustrado aqui de forma heterogênea, que desbrava e contesta um feminismo ocidental tradicionalmente convergente com a agenda neoliberal:

acusado por seu universalismo, etnocentrismo, anglo-eurocentrismo, branqueamento e pela negligência de questões coloniais e raciais que atravessam etnias, nacionalidades e geografias. Passou, também, a ser retratado como um feminismo do Norte e de Primeiro Mundo, muito pouco sensível às questões das mulheres não ocidentais, do Sul e do Terceiro Mundo (BALLESTRIN, 2017, p. 1040).

Neste contexto, está presente não apenas a dinâmica exploratória, mas também os procedimentos de controle e disputa delineados por Aníbal Quijano (2000), os quais emergem como vias principais de discriminação na constituição do capitalismo colonial moderno, um sistema distintamente permeado pela intersecção das categorias raça, gênero e classe. O sociólogo peruano pontua que as relações de gênero são igualmente estruturadas pela lógica da colonialidade do poder, noção que institui um convite à revisão e resistência a uma força de poder que se organiza

em uma matriz colonial – uma perspectiva latino-americana específica da subalternidade, que evidencia como a não branca da classe subjugada no subcontinente serve como instrumento para intensificar a exploração classista. A dinâmica do capitalismo se intensifica através das lentes das diferenças raciais, de gênero, étnicas, religiosas e de sexualidade - um reflexo da rígida lógica do pensamento eurocêntrico.

No entanto, nunca negligenciamos a análise criteriosa da hierarquia social, um pilar crucial para desvendar o véu de nossa atual colonialidade (Quijano, 2000, 2005). Assim, ao explorarmos a sagacidade política do poder colonial, estamos navegando na vastidão tumultuada da política, do Estado e da sociedade civil - o proscênio para a contínua dança de dominação das classes.

É crucial compreender que a luta contra todas as formas de opressão e discriminação é uma peça inseparável na estratégia da classe trabalhadora para conquistar sua preponderância diante da dominação burguesa. Movimentos dedicados à libertação feminina, bem como iniciativas direcionadas aos direitos civis, geralmente não se restringem a uma única classe social, tornando-se suscetíveis às ideologias dominantes que muitas vezes parecem naturais. Contudo, em épocas de crise e intensificação do conflito entre classes, estes movimentos tendem a se radicalizar, emergindo correntes anticapitalistas. O *Maio de 68*¹¹, na França, serve como um contundente exemplo dessa dinâmica.

A memória coletiva das mulheres argentinas carrega consigo um capítulo de peso e relevância incontestáveis: o sombrio período da ditadura que assolou o país. A fúria autoritária dessa época concentrou uma violência insólita contra mulheres, sobretudo aquelas atuantes em movimentos sociais e militantes dos direitos trabalhistas, culminando em uma série de desaparecimentos sistêmicos de centenas de mulheres e crianças. Tal atrocidade gerou uma ressonante contrarresposta: um movimento liderado pelas próprias mães e avós dessas vítimas desaparecidas, clamando pela justiça ainda pendente e pelo reconhecimento dos corpos ausentes.

¹¹ O estopim da revolução cultural conhecida como Maio de 1968, foi mais do que um mero evento. Ele se configurou como um marco histórico de destaque global. Surgiu nas veias pulsantes da juventude francesa estudantil, numa época obscurecida pela sombra crescente do desemprego na década de 1960, com Charles De Gaulle no leme do governo. Reverenciado como um ícone inédito de mobilização estudantil - uma das mais expressivas já registradas no mundo - o vibrante movimento Maio de 1968 serviu de inspiração para gerações futuras em sua persistente batalha por direitos. No entanto, convém lembrar que as aspirações puras dessa manifestação não encontraram por completo concretização. A despeito disso, sua existência em si é e sempre será um estandarte brilhante da resistência audaciosa e criativa da juventude.

4.2 O FEMINISMO NO BRASIL

Da nossa radicalidade depende a própria sobrevivência e a dignidade dos 99% dos quais fazemos parte. Não nos calaremos. Temos lado. Não vamos arredar o pé das ruas.
(Talíria Petrone)

O movimento feminista brasileiro, embora inicialmente discreto, desempenhou um papel crucial na reversão das desigualdades de gênero no país (Telles, 1986). Apesar de a conexão não ser tão estreita, existe uma relação entre a história das lutas das mulheres e os processos de mudanças econômicas e sociais que ocorreram no Brasil. As conquistas foram parciais e progressivas, com pequenas vitórias se avolumando ao longo do tempo, mesmo diante das dificuldades, sem impedir seu desenvolvimento, ainda que não linear.

Para entender a importância dessa contribuição, é preciso compreender como as mulheres romperam com a tradição cultural que lhes impôs, durante a maior parte da história brasileira, uma divisão sexual do trabalho que as reservava às atividades domésticas e de reprodução, enquanto aos homens eram destinadas às atividades extra domésticas e produtivas (Telles, 1986). Durante o período colonial, as mulheres brasileiras, especialmente as negras, enfrentaram condições adversas, sendo muitas vezes escravizadas e sem direitos.

Na luta pela educação, as mulheres começaram a reivindicar seu direito na metade do século XIX. Em 1827, as mulheres puderam se matricular em estabelecimentos de ensino, e somente em 1887 o Brasil formaria sua primeira médica (Telles, 1986). Nesse cenário, Nísia Floresta Augusta (1810–1885) destacou-se como pioneira na luta pela alfabetização feminina, fundando uma escola inovadora no Rio de Janeiro. Além disso, foi uma das primeiras mulheres a publicar artigos em jornais de grande circulação, defendendo publicamente a emancipação feminina (Duarte, 2003).

Dora Barrancos (2022) aponta Nísia Floresta como uma precursora responsável pelo despertar feminista no Brasil:

O despertar do Feminismo no Brasil - que, ao contrário de outras nações latino-americanas, foi colonizado por Portugal - costuma estar ligado a uma figura precursora, Nísia Floresta Brasileira Augusta. Seu nome verdadeiro era Dionísia Gonçalves Pinto, e, em 1831, publicou artigos em defesa da condição feminina e pelos direitos das mulheres num jornal de Recife, em Pernambuco. Fundou escolas para meninas e, em 1849, precisou se mudar

para Paris, onde foi seguidora de Auguste Comte... (BARRANCOS, 2022, p. 182)

Assim, o movimento feminista no Brasil, marcado por figuras corajosas e ações inovadoras, desafiou normas culturais e contribuiu para mudanças significativas nas estruturas sociais e econômicas do país.

Ao contrário dos movimentos feministas ingleses e norte-americanos, o movimento feminista brasileiro alinhou seus discursos ao ideário republicano, destacando a educação feminina como forma de conscientizar as mulheres da subjugação masculina e promover a independência financeira. As feministas brasileiras argumentaram que a educação feminina beneficiaria a sociedade como um todo, elevando o status das mulheres como "alicerces confiáveis do lar cristão e patriótico" (Almeida, 2000, p.65). O movimento não ameaçou a hegemonia masculina, pois as mulheres enfatizaram a conciliação de seus papéis tradicionais com uma profissão (Almeida, 2000).

O movimento sufragista no Brasil, articulado a partir do século XIX, surge como o primeiro movimento feminista politicamente organizado no país, correlacionando-se com as lutas abolicionistas. Ao longo do Império, houve tentativas de legalizar o voto feminino por alguns juristas, mas a Constituição Republicana de 1889, embora inicialmente contemplasse esse direito, posteriormente o excluiu, refletindo a visão predominante de que a política era inadequada para as mulheres (Almeida, 2000).

Durante esse período, as interpretações ambíguas da Constituição levaram a diversas tentativas frustradas de alistamento por parte das mulheres. Argumentos antifeministas variavam desde a alegação de "cérebros infantis" até a defesa da suposta "superioridade moral" da mulher, incompatível com a esfera política. Em 1910, mulheres visionárias fundaram o Partido Republicano Feminino, sendo Leolinda Daltro uma das figuras proeminentes desse movimento (Almeida, 2000).

Leolinda Daltro, reconhecida como grande precursora do feminismo no Brasil, destacou-se por sua atuação não apenas nas demandas feministas, mas também em questões indígenas. Seu envolvimento em 1910, na luta dos índios Xerente, demonstra sua dedicação à busca por condições dignas de vida. No entanto, sua proposta de criação de uma associação civil de amparo aos indígenas foi recusada, revelando a rigidez dos limites para a participação feminina em assuntos de domínio público (Almeida, 2000; Gagliardi, 1989).

Dois movimentos de mulheres operárias surgiram simultaneamente, um com orientação anarquista e outro com predominância das teses do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Enquanto as mulheres libertárias lutavam contra a exploração da força de trabalho e a opressão sexista, a feminista anarquista Maria Lacerda de Moura questionava as abordagens da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), defendendo temas como maternidade consciente e amor livre, enquanto criticava o voto como instrumento de poder (Leite, 1984).

Maria Lacerda de Moura, nascida em 1887 em Minas Gerais, foi uma educadora e ativista anarquista que desafiou normas sociais e contribuiu significativamente para o debate sobre a emancipação da mulher. Sua atuação, entre 1928 e 1937, em uma comunidade em Guararema (SP), reflete sua busca por liberdade de dogmas e preconceitos governamentais, além de sua participação direta no movimento operário e sindical (Leite, 1984).

Nos anos 50, destacou-se a criação do Partido Comunista Brasileiro e a realização da primeira Assembleia Nacional de Mulheres em 1952, dirigida por Nuta James. Durante esse período, as mulheres também lutaram pela anistia, democracia e paz mundial. O golpe militar de 1964 silenciou as associações feministas, mas os anos 60 testemunharam mudanças sociais significativas, como a Lei 4.121 de 1962, conhecida como Estatuto da Mulher Casada, que revogou disposições discriminatórias do Código Civil de 1916 (Costa & Sandemberg, 1994).

Nos anos 70, o movimento de mulheres se consolidou como um sujeito coletivo ativo na política nacional. Além de lutar contra a carestia e pela anistia, as feministas abordaram questões proibidas anteriormente, como violência sexual, aborto e contracepção. O movimento ganhou força em 1975, declarado Ano Internacional da Mulher pela ONU, com temas como autonomia, sexualidade e direitos reprodutivos ganhando destaque. A influência do feminismo radical norte-americano marcou essa fase, e as feministas brasileiras debateram sobre a opressão de gênero como uma questão independente da economia (Telles, 1986).

Os avanços científicos e médicos, como o acesso a contraceptivos eficientes nos anos 60, contribuíram para a liberação das mulheres, permitindo a planificação familiar e o ingresso no mercado de trabalho. No entanto, a ditadura militar limitou a atuação do movimento feminista nos anos 60. A mobilização das mulheres ganhou força nos primeiros anos da década de 70, com discussões sobre custo de vida, salários e creches (Costa & Sandemberg, 1994).

O movimento feminista no Brasil passou por diversas fases, desde os primórdios do sufragismo até a consolidação nos anos 70, enfrentando desafios e promovendo mudanças significativas na sociedade brasileira. O debate sobre questões de gênero, autonomia e direitos reprodutivos tornou-se central, influenciando a luta por igualdade e justiça social.

Após a retomada do movimento de massas no final dos anos de 1970, diversos jornais feministas, como “Brasil-Mulher”, “Nós Mulheres” e “Mulherio”, surgiram, ampliando a presença feminina na cena nacional. Este período também testemunhou a participação ativa das mulheres nos debates das eleições diretas para governadores em 1982 e na luta por Diretas Já em 1984 (Moraes, 1985).

Lélia Gonzalez, figura proeminente nas discussões sobre gênero e raça, emergiu nos anos 80 como uma voz fundamental. Ativista e intelectual, Gonzalez trouxe uma perspectiva interseccional, destacando a interconexão entre raça, gênero e classe. Sua influência enriqueceu as discussões sobre a condição da mulher negra na sociedade.

Além das lutas gerais, o movimento feminista passou a abordar questões específicas, como a violência de gênero e a saúde reprodutiva. Grupos como o SOS-Violência foram formados para combater a violência doméstica. Uma conquista significativa foi a criação da primeira Delegacia Especializada no Atendimento da Mulher (Deam) durante o governo Franco Montoro, em São Paulo. Os anos 80 também foram marcados por campanhas nacionais, como "QUEM AMA, NÃO MATA" e "O Silêncio é Cúmplice da Violência" (Moraes, 1985).

No campo dos direitos reprodutivos, o Programa de Assistência à Saúde Integral das Mulheres (Paism) foi implementado, trazendo uma nova concepção de atendimento à saúde. Surgiram diversas ONGs feministas, como Rede Feminista de Saúde, CFEMEA, Fala Preta, SOS-Corpo, Geledés, Cepia, entre outras.

Durante os anos 1980, as feministas universitárias promoveram a institucionalização dos estudos sobre as mulheres, seguindo padrões internacionais. O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), criado em 1983 em Salvador, é um exemplo dessa atuação.

Paralelamente, houve um aumento significativo na participação parlamentar das mulheres. De duas deputadas federais eleitas em 1978, o número saltou para oito em 1982 e 26 em 1986. Essas deputadas desempenharam um papel crucial na Assembleia Constituinte de 1988, contribuindo para a conquista de direitos iguais entre os sexos. A Constituição de 1988 tornou-se uma das mais avançadas no

mundo em termos de equidade de gênero, consolidando conquistas nacionais e internacionais (Moraes, 1985).

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criado em 1985, fortaleceu a presença feminista no debate político nacional e participou ativamente no processo da Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988). A Carta das Mulheres para os Constituintes, entregue durante esse período, representou a primeira plataforma política feminista para a sociedade brasileira.

A Constituição Cidadã de 1988 foi um marco histórico na construção da cidadania das mulheres, proclamando a igualdade jurídica, ampliando direitos civis, sociais e econômicos, estabelecendo a igualdade de direitos na família e combatendo discriminações no mercado de trabalho. Reconheceu a necessidade de coibir a violência no âmbito familiar e avançou na questão dos direitos reprodutivos, ampliando a licença maternidade para 120 dias e instituindo a licença paternidade (Moraes, 1985).

Na década de 1990, marcada por um momento novo e ambíguo, o Estado de Direito e as liberdades democráticas foram recompostos. A sociedade civil fortaleceu-se, e as novas diretrizes constitucionais prometiam uma ampliação histórica da cidadania. Contudo, o ajuste estrutural, as reformas neoliberais e governos conservadores dificultaram a efetivação dos direitos e o aprofundamento da democracia. Os movimentos sociais expandiram-se, apostando em alternativas democráticas e participando ativamente na elaboração de leis e programas de políticas públicas (Araújo, 2005).

Em 1993, o Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF) foi criado para tratar políticas públicas para as mulheres, reconhecendo a violência e discriminação contra elas. O Ministério da Saúde instituiu o PAISM - Programa de Atenção à Saúde da Mulher, resultado da mobilização dos movimentos feministas. A CPI de 1992, pela primeira vez, revelou números da violência em âmbito nacional. Em 1993, o I Encontro de Entidades Populares de Combate à Violência contra a Mulher aprovou a campanha "A Impunidade é Cúmplice da Violência" (Araújo, 2005).

Nesse contexto, o movimento feminista brasileiro obteve vitórias importantes, destacando-se na organização da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento no Cairo (1994) e na IV Conferência Mundial das Mulheres em Pequim (1995). Em 1996, a Lei 9.100/95 introduziu a primeira experiência de ação afirmativa para aumentar a representação parlamentar feminina, resultando em 42 deputadas federais em 2002 (Araújo, 2005).

Atualmente, as questões levantadas pelas feministas brasileiras ganharam dimensão abrangente social e política, transformando-se em direitos constitucionais. As conquistas não eliminaram os preconceitos, mesmo entre mulheres letradas, mas os estudos de gênero nas universidades brasileiras contribuíram para mesclar questões políticas importantes com discussões teóricas internacionais. Essas discussões tendem a ampliar as pautas nos movimentos sociais, influenciando as novas políticas públicas que tratam dos direitos das mulheres como direitos humanos (Araújo, 2005).

5 GAROTAS MORTAS E PRAIA DOS OSSOS COMO MANIFESTO FEMINISTA

*“Os homens temem que as mulheres riem deles.
As mulheres temem que os homens as matem.”
Margaret Atwood*

5.1 DEFININDO UM MANIFESTO

Reconhecendo a escrita feminista como uma ferramenta poderosa de protesto e engajamento contra as inúmeras adversidades que permeiam nosso cotidiano, é possível notar sua evolução ao longo do tempo. Inicialmente considerada uma expressão panfletária, a escrita feminista ganhou força significativa ao reafirmar o papel da mulher no cenário literário. Autoras notáveis, impulsionadas pelas lutas feministas, enfrentaram a imensa estrutura patriarcal para se estabelecerem no mundo da literatura, abrindo caminho e inspirando outras mulheres a segui-lo.

As obras analisadas não apenas refletem as pautas feministas, mas também constituem manifestos que visam impulsionar e fortalecer esse movimento. Ao explorarmos as narrativas de Almada e Vianna, percebemos a clara intenção de ampliar o alcance das vozes femininas e contribuir para a evolução contínua do feminismo na esfera literária.

Tanto Almada quanto Vianna, em suas respectivas obras, abordam temas que exploram a complexidade das experiências femininas, desafiando estereótipos e normas sociais. Suas narrativas não são apenas testemunhos individuais, mas representam um compromisso coletivo em direção à igualdade de gênero e ao empoderamento feminino. Esses textos, ao incorporarem manifestações explícitas de ideias feministas, desempenham um papel fundamental na construção de um diálogo mais amplo sobre as questões que afetam as mulheres.

Quanto ao conceito de manifesto em texto literário, este se caracteriza como uma declaração ou expressão formal e pública de princípios, intenções, opiniões ou crenças, frequentemente associadas a movimentos culturais, políticos ou sociais (BORTULUCCE, 2015). Esses manifestos podem adotar diversas formas, incluindo ensaios, poesias, obras de ficção ou até mesmo discursos. Geralmente, são elaborados com o propósito de provocar reação, inspirar ação ou chamar a atenção para uma causa específica.

Num contexto literário, um manifesto pode abordar questões relacionadas à estética, estilo, objetivos artísticos, críticas a convenções estabelecidas ou até

mesmo servir como uma declaração de identidade artística. Esses textos muitas vezes refletem a visão do autor sobre a função da literatura na sociedade e suas aspirações para o papel do escritor no âmbito cultural. Ao se envolver em um manifesto, o autor busca influenciar e moldar a discussão em torno de determinados temas, promovendo uma visão específica:

A classificação de um texto como um manifesto depende dos resultados pragmáticos que a sua inserção em um determinado campo (político, estético, religioso, etc.) de relações provoca. Em outras palavras, um manifesto não precisa clamar por mudança de maneira explícita, desde que sua função de ruptura se torne evidente como uma consequência dos efeitos que ele tem sobre o espaço (...). Se o manifesto situa-se num espaço entre arte e vida, talvez seja possível considerá-lo como um gênero que questiona os contornos destes limites, e chama a atenção para um entendimento mais complexo do texto como evento e da textualidade do evento (SOMIGLI, 2003, p. 27).

Nesse cenário, é fundamental reconhecer o apreço dessas obras como agentes de transformação e instrumentos que fomentam a conscientização e a mudança social. Ao interpretarmos as narrativas de Almada e Vianna como manifestos feministas, proporcionamos uma voz a um movimento que transcende as páginas, impactando a sociedade e instigando mulheres a reivindicarem não apenas seu espaço no universo literário, mas também protagonismo em todos os aspectos da vida.

Ao longo das décadas, o movimento feminista tem exercido influência em diversas formas de expressão, incluindo a literatura. A análise de "Garotas Mortas", da escritora argentina Selva Almada, e do podcast brasileiro "Praia dos Ossos", narrado por Branca Vianna, como manifestos feministas contemporâneos proporciona uma compreensão mais aprofundada dos recursos estéticos utilizados por essas autoras para delinear, em suas narrativas, uma inserção marcante do pensamento feminista. Manifestos feministas na literatura, frequentemente, abordam questões de gênero, desigualdade, violência contra as mulheres, empoderamento feminino e críticas ao patriarcado.

Elementos como a representação de personagens femininas complexas, a desconstrução de estereótipos de gênero e a abordagem de temas relevantes para as mulheres são recorrentes em obras feministas. "Garotas Mortas" e "Praia dos Ossos" não apenas reconhecem e denunciam a presença de um sistema político-ideológico que aprisiona e violenta o corpo das mulheres, mas também desempenham efetivamente um papel literário e social como ferramentas

emancipadoras. Elas servem de inspiração para o movimento em prol da libertação da escrita feminina, ecoando a interpelação de Cixous (2017):

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma letal finalidade. A mulher precisa se colocar no texto – como no mundo, e na história –, através de seu próprio movimento (CIXOUS, 2017, p. 129).

5.2 SOBRE FEMINICÍDIO E A QUESTÃO DA MEMÓRIA

Segundo a afirmação de Lagarde (2008, p. 216 – tradução nossa), "o feminicídio é, em essência, um genocídio contra mulheres, ocorrendo quando condições históricas propiciam práticas sociais que viabilizam ataques violentos contra a integridade, saúde, liberdades e vida de meninas e mulheres". A contribuição substancial do conceito de feminicídio está na sua conexão com a produção social e institucional da violência contra mulheres, bem como na impunidade associada a essa violência.

Desse modo, o feminicídio não se restringe à dinâmica interpessoal entre homens e mulheres; abrange também a participação das mulheres na sociedade e em seu desenvolvimento. Na prática, o agente da violência não se limita apenas ao indivíduo, incluindo também o Estado e suas instituições de controle social. Além disso, o feminicídio, ao espelhar o menosprezo pela condição de mulher, caracteriza formas de violência brutal direcionadas a mulheres e meninas em diversos contextos, tanto privados quanto públicos. Nesse sentido, a violência doméstica e familiar representa apenas uma das manifestações do feminicídio, sendo outro exemplo emblemático evidenciado pelos casos de mortes violentas de mulheres em Ciudad Juarez, no México, a partir de 1993 (SEGATO, 2006; LAGARDE, 2006 e 2008).

As obras de Almada e Vianna surgem como exemplos marcantes de produções femininas que não só falam em nome das mulheres, mas também falam sobre mulheres, direcionando-se tanto para o público feminino quanto para o restante do mundo. Ao se identificarem como vozes femininas e possíveis vítimas da violência retratada nas histórias, as autoras inserem em suas narrativas – um dos campos de disputa social há muito dominado pelos homens – as vozes daquelas meninas e mulheres que foram despojadas de seus corpos e de suas vidas, "Talvez

seja esta a sua missão: recolher os ossos das garotas, armá-las, dar-lhes voz e depois deixá-las correr livremente para onde tiverem que ir” (ALMADA, 2018, p. 34).

Ambas as obras abordam a questão do feminicídio, esclarecendo que essa forma de violência sempre existiu, mesmo antes de a palavra "feminicídio" ser usada especificamente para descrever a morte de mulheres apenas por sua condição feminina: “Três adolescentes do interior assassinadas nos anos 80, três mortes impunes ocorridas quando em nosso país ainda se ignorava o termo feminicídio” (ALMADA, 2018, p. 13). Almada aprofunda essa reflexão, explorando ainda mais o assunto:

Eu não sabia que uma mulher podia ser morta pelo simples fato de ser mulher, mas tinha escutado histórias que, com o tempo, fui ligando umas às outras. Casos que não terminavam com a morte da mulher, mas em que ela era objeto da misoginia, do abuso, do desprezo (ALMADA, 2018, p. 13).

Em *Praia dos Ossos*, Branca Vianna também explora o termo feminicídio, mas já incorporando a palavra em seu sentido mais genuíno. Durante sua narrativa sobre o assassinato de mulheres que aconteceram após a morte de Angela Diniz:

Mas, conforme o juiz Marcelo Fioravante ia descrevendo as características mais comuns entre os casos de feminicídio que ele via, parecia cada vez mais que o Doca era, na verdade, um feminicida típico. A Ângela morreu quando ela quis terminar com o Doca. O Roberto Lobato voltou e matou a Jô quando eles já estavam desquitados. A Eloísa Ballesteros e a Maria Regina Santos Souza Rocha morreram por querer um divórcio. Todos esses casos foram feminicídios antes de essa palavra existir (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Compreender o feminicídio como o enfoque adotado pelo *Praia dos Ossos*, no caso Doca, implica permitir uma análise mais profunda desse episódio particular em sua essência. Em outras palavras, não se trata apenas de um caso de violência considerada "comum"; é, na verdade, uma manifestação de violência contra a mulher que tem suas raízes na perpetuação de uma dinâmica específica de poder, o sistema patriarcal. Continuando a exploração iniciada no episódio 8, Branca prossegue:

A Lei do Feminicídio é de 2015. O que ela diz, basicamente, é que matar uma mulher por ser mulher é um tipo de homicídio especialmente grave. Tem gente que diz que essa lei é uma “aberração jurídica”, e que não faria sentido tratar o homicídio de mulheres de um jeito diferente. Mas dá pra olhar pelo outro lado e lembrar que, pelo menos no sistema brasileiro, durante séculos, o assassinato de mulheres foi tratado de um jeito diferente. Foi justificado. Perdoado. Desculpado. Amenizado (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Através das pesquisas sobre a história das mulheres e do feminismo, torna-se possível entender como a cultura patriarcal, que trata as mulheres como propriedades, foi concebida e disseminada, e observar como essa cultura opressiva persiste nos dias de hoje. Muraro (1997) examina a evolução das sociedades humanas desde as comunidades primitivas, onde o trabalho se limitava à coleta e caça de pequenos animais. Nesses contextos, a força física não desempenhava um papel predominante, e as mulheres eram veneradas como seres sagrados devido à sua capacidade de engravidar. Contudo, durante o período neolítico, os homens descobrem que também têm um papel crucial na procriação, iniciando assim a dominação da sexualidade feminina. À medida que a agricultura se desenvolve e a propriedade privada surge, o controle social e individual do homem sobre o corpo feminino se intensifica.

Aparece então o casamento como o conhecemos hoje, em que a mulher é propriedade do homem e a herança se transmite através da descendência masculina. (...) As mulheres tinham sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens. O casamento era monogâmico e a mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido. Qualquer ruptura desta norma poderia significar a morte (MURARO, 1997, p.7).

Em "Garotas Mortas", somos confrontados com a representação literária da persistência dessa cultura de posse e dominação que subjuga o corpo das mulheres. Essa manifestação ocorre de maneiras diversas, porém, de forma surpreendentemente familiar, mesmo em épocas mais recentes:

Essas cenas conviviam com outras menos chamativas: a mãe de uma amiga que não se maquiava porque o marido não deixava. Uma colega de trabalho da minha mãe que todo mês entregava o salário inteiro ao marido, para que ele o administrasse. Outra que não podia visitar a família porque o marido achava que os parentes dela não tinham nível. Outra que era proibida de usar sapatos de salto alto porque isso era coisa de puta (ALMADA, 2018, p. 37).

Perrot (2007), em sua análise sobre a história das mulheres, ratifica que o casamento, originalmente concebido como uma aliança contratual e não como uma celebração do amor, relega as mulheres a uma posição de subalternidade. Importa salientar que elas não participavam efetivamente desse "contrato", já que essa terminologia pressupõe uma certa equidade entre os envolvidos; as mulheres, porém, eram "transmitidas" como meros objetos. O papel de sujeito possuidor recaía sobre o homem, detentor de diversos "direitos", incluindo – principalmente – o corpo da companheira:

A mulher casada é, ao mesmo tempo, dependente e dona-de-casa. (...) Dependente em seu corpo, ele pode receber “corretivos”, como uma criança indócil, pelo chefe da casa, depositário da ordem doméstica. “Quem ama castiga.” Bater na mulher é uma prática tolerada, admitida, desde que não seja excessiva. Se os vizinhos escutam os gritos de uma mulher maltratada, não interferem. “O homem deve ser rei em sua casa.” (PERROT, 2007, pp. 47-48).

Em "Praia dos Ossos", durante os julgamentos, percebe-se uma mudança na opinião pública em relação ao crime, influenciada pela comoção gerada pela manifestação de mulheres que se organizaram para protestar em frente ao Fórum. Os movimentos feministas no Brasil, notadamente o "Quem Ama Não Mata", instigaram uma abordagem midiática mais voltada para o reconhecimento da mulher como sujeito, deixando de ser vista meramente como propriedade.

No contexto de "Garotas Mortas", Selva Almada explora a conexão entre a generalização das mulheres e o feminicídio. Ao impor certos atributos a todas as mulheres, a sociedade as torna vulneráveis à mesma violência: todas as garotas são reduzidas à mesma condição, e apenas o acaso as separa da tragédia da morte. Assim, compreender o feminicídio como um problema social é crucial, visto que emerge de um processo histórico complexo.

Faz um mês que o ano começou. Pelo menos dez mulheres foram assassinadas por serem mulheres. Digo pelo menos porque esses são os nomes que apareceram nos jornais, daquelas que viraram notícia. (...) Estamos no verão e faz calor, quase tanto quanto naquela manhã de 16 de novembro de 1986, quando, de certo modo, este livro começou a ser escrito, quando a garota morta atravessou meu caminho. Agora estou com quarenta anos e, diferentemente dela e das milhares de mulheres assassinadas em nosso país de lá para cá, continuo viva. Apenas uma questão de sorte (ALMADA, 2018, p. 121).

Davis (2017) destaca que praticamente todas as mulheres conseguem recordar episódios de assédio e abuso desde a infância. Ela ressalta que a violência vivenciada individualmente por mulheres precisa ser compreendida dentro de um contexto sociopolítico mais amplo, pois a violência de gênero é atravessada por diversas mediações sociais. Isso enfatiza a importância de considerar as experiências pessoais no âmbito das estruturas sociais mais amplas que contribuem para a perpetuação da violência contra as mulheres: "Essas manifestações específicas de violência contra a mulher estão inseridas em um espectro mais amplo de violência socialmente produzida, que inclui violações sistemáticas orquestradas contra os direitos econômicos e políticos femininos" (DAVIS, 2017, p. 42).

Quanto ao *podcast*, é explorado o slogan que nomeia o penúltimo episódio, "Quem ama não mata", originado nos protestos feministas da época. Este surgiu após o muro de uma escola tradicional de freiras em Belo Horizonte ser vandalizado com a inscrição: "Se ama, não se mata." Mirian Chrystus compartilha essa informação no Praia dos Ossos:

Esse slogan, "quem ama não mata", ele é a expressão de um desejo, ele é a expressão de uma utopia, vai ser muito difícil você encontrar uma pessoa que seja contra esse slogan, "quem ama não mata". Ele é verdadeiro? É até certo ponto, mas ele também é falso, porque quem ama mata, sim, quem ama mata. É mais fácil alguém que ama matar do que alguém que seja indiferente matar. Mas é uma palavra de ordem que eu fico pensando às vezes, sabe, quem foi a pessoa que pichou aquela palavra de ordem um dia num muro de Belo Horizonte? Quem pichou essas coisas, né? Eu sei que todo dia eu agradeço essa pessoa, porque ela nos deu uma palavra poderosa na luta contra o machismo patriarcal, contra a violência, contra o desrespeito, contra tudo... (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Conforme descrito no episódio, ao longo do julgamento de 1981, um pequeno grupo de mulheres se manifestava pacificamente na entrada do tribunal. Durante todo o processo, permaneceram assentadas no meio-fio, segurando cartazes que clamavam por respeito às mulheres. O contexto político e social da época, somado ao crescente sentimento de inconformidade e revolta que se espalhava pela população diante da violência contra a mulher, especialmente quando as vítimas seguiam padrões comportamentais estereotipados, provocou uma mudança na opinião pública. Essa transformação possibilitou um desfecho notavelmente diferente no segundo julgamento, no qual Raul Fernando Street foi condenado a 15 anos de prisão.

Em um relato ao Praia dos Ossos, Mirian Chrystus compartilha outro marco do movimento feminista, ocorrido quatro dias após o segundo julgamento: "fundamos o Centro de Defesa da Mulher, que tinha como objetivo ser um centro de estudos, reflexão e elaboração de políticas públicas para enfrentar a questão da violência contra as mulheres" (PRAIA DOS OSSOS, 2020). Branca Vianna complementa na narração:

O Centro de Defesa da Mulher foi uma das várias iniciativas que surgiram nessa época. O objetivo comum era atender mulheres vítimas ou ameaçadas de violência antes que elas fossem mortas. Vários desses grupos vieram a se chamar "SOS Mulher". Em muitos casos – e em Belo Horizonte teve isso – uma das coisas que esses grupos faziam era abrir uma linha telefônica e ter voluntárias se revezando para atender. (...) Só que essas mulheres que ligavam pro SOS Mulher não tavam fazendo uma denúncia pra polícia. Elas tavam ligando prum grupo de feministas voluntárias. Então, o máximo que essas plantonistas conseguiam fazer era

convencer a mulher do outro lado da linha a fazer de fato uma denúncia, e muitas vezes até acompanhar essa mulher na delegacia (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Apesar de a condenação legal da violência contra a mulher, especialmente no contexto familiar, ter se estabelecido na sociedade ocidental e, mais recentemente, na América Latina, ainda subsistem práticas disseminadas que equiparam as mulheres a objetos. Essa dinâmica confere aos homens o poder de controlar o corpo, a vida e a morte de mulheres e meninas, conforme explicitado nas obras *Garotas Mortas* e no *podcast Praia dos Ossos*.

Na Argentina, o movimento das “*Mães da Praça de Maio*” desempenhou papel fundamental ao dar visibilidade ao desaparecimento de suas filhas e ao roubo de seus netos, destacando questões das mulheres argentinas e levando a discussão sobre a violência contra as mulheres ao domínio público. A busca por justiça dessas mães influenciou significativamente o surgimento de novos movimentos feministas, como o “Ni Una Menos”, que reivindicam o fim da violência contra as mulheres. Suas lutas pela humanização das mulheres impactaram diretamente as políticas públicas do país, incluindo o direito ao aborto.

A violência contra as mulheres é um fenômeno multifacetado que se manifesta em diversas esferas da sociedade. Tanto em abordagens literárias quanto em teorias da memória, encontramos reflexões profundas sobre a natureza dessa violência e suas raízes na estrutura social. Buscamos explorar essa problemática, analisando a persistência da violência contra as mulheres por meio das lentes de manifestações literárias e teorias da memória, explicando a necessidade de revisitar casos de feminicídio através de um movimento memorialístico liderado por mulheres engajadas na causa.

Nesse contexto literário, obras como *Garotas Mortas* de Selva Almada e o *podcast Praia dos Ossos* de Branca Vianna lançam luz sobre a violência perpetrada contra mulheres. O livro de Almada explora as complexidades dos assassinatos de mulheres, destacando o papel de parceiros e conhecidos próximos como perpetradores. O podcast de Vianna revisita eventos históricos relacionados à violência contra as mulheres, revelando como a sociedade lida com essas memórias (POLLAK, 1989, p. 8).

Paralelamente, a teoria da memória de Halbwachs fornece um arcabouço conceitual para entender como as lembranças individuais e coletivas moldam a percepção da violência contra as mulheres. Seu conceito de “quadros sociais da

memória" destaca a influência dos relacionamentos e das instituições sociais na construção das memórias coletivas. A linguagem, segundo Halbwachs, desempenha um papel central na perpetuação da memória social, sendo as "convenções verbais" elementos fundamentais nesse processo (HALBWACHS, 2003, p.41).

Ao analisar as obras literárias à luz das teorias da memória, percebemos um paralelo entre a persistência da violência contra as mulheres e a perpetuação de memórias sociais. Tanto no âmbito literário quanto nas teorias de Halbwachs, observamos que a violência é enraizada em estruturas sociais complexas, como a família nuclear burguesa e a sociedade androcêntrica, criando um terreno fértil para sua propagação ao longo do tempo. Neste sentido, afirma Halbwachs (2003):

na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas, basta que a atenção se volte para esse lado para que percebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar (HALBWACHS, 2003, p. 68).

A transmissão e ressignificação de conceitos relacionados à violência de gênero são fortemente influenciadas pela linguagem, conforme explorado por Halbwachs. Tanto em "Garotas Mortas" quanto em "Praia dos Ossos", a linguagem emerge como uma ferramenta vital para dar voz às vítimas, desafiando a propensão ao silenciamento dessas experiências traumáticas. Essas narrativas se integram a um contexto social de memória, contribuindo para a conscientização e a luta contra a persistência da violência contra as mulheres.

A interseção entre manifestações literárias e teorias da memória, conforme ressaltado por Halbwachs, proporciona *insights* valiosos sobre a contínua presença da violência contra as mulheres. Ao examinarmos obras como essas à luz das teorias de Halbwachs, a compreensão aprofundada de como a linguagem e as relações sociais desempenham papéis cruciais na transmissão e ressignificação das memórias coletivas é facilitada. Esse diálogo entre literatura e teoria oferece uma abordagem holística para enfrentar e combater a persistência da violência de gênero na sociedade contemporânea.

5.3 ABORDANDO A CULPA

Almada e Vianna abordam igualmente a temática da "culpa" frequentemente imputada às mulheres, mesmo quando são vítimas:

No entanto, naquela semana curta e intensa que marcou sua saída de casa para começar a circular no mundo adulto, o mundo do trabalho fora de casa, María Luisa fez duas amigas: Norma Romero e Elena Taborda, duas moças um pouco mais velhas que ela e mais vividas. Quevedo lhes atribui a culpa de levá-la para o mau caminho. Como se a morte fosse um castigo por algo de errado que ela andava fazendo (ALMADA, 2018, p. 68).

No decorrer da narração realizada pelo repórter Sérgio Chapelin, em uma transmissão que remete a um contexto de rádio ou televisão da época, conforme apresentado no primeiro episódio de "Praia dos Ossos", surge a intrigante questão: "Seria Ângela uma mulher atípica? Teria ela influenciado a vítima a cometer o crime?" Posteriormente, Branca Vianna oferece seus comentários sobre o assunto:

queria só chamar a atenção para a palavra vítima aqui. Estamos falando de um assassinato, né, de que a Ângela Diniz foi a vítima. Mas nessa versão, parece que a Ângela teria empurrado o Doca para fazer o que ele fez. E aí, a vítima seria ele (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

A sensação de culpa permanece como uma presença constante na experiência feminina, especialmente quando relacionada à conexão da mulher com seu próprio corpo. A violação e a morte são frequentemente apresentadas como meras consequências da suposta falta de cuidado ou recato por parte das vítimas. Essas concepções mencionadas também derivam de uma educação repressiva que orienta as meninas a se protegerem e a reprimir sua sexualidade. Simone de Beauvoir (2009) abordou várias reflexões sobre a alienação entre a mulher e seu corpo/sexo, incluindo a internalização do sentimento de culpa no psiquismo das jovens em formação.

É crucial observar a abordagem adotada pelo *podcast* ao questionar a atribuição do papel de vítima, na verdade, ao assassino, conforme destacado pela mídia da época e pelos profissionais jurídicos e policiais envolvidos no caso do assassinato de Ângela Diniz. Essa perspectiva implica um reconhecimento tanto da autonomia da mulher quanto da violência direcionada a ela. Branca prossegue com a narração:

Bom, vamos supor que a Ângela tivesse traído o Doca com o Pierre, ou que o Pierre tivesse drogado os dois, ou que a Ângela tivesse tentado seduzir a Gabriele. O que essas três histórias têm em comum é que elas amenizam a culpa do Doca. No limite, ele teria motivo para matar. A Ângela tava morta e enterrada em Belo Horizonte. Mas o Doca continuava lá, sofrendo. E ganhando a simpatia das pessoas (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

O *podcast* ressalta que a responsabilidade pelo assassinato é atribuída integralmente a Doca, uma perspectiva notavelmente distinta da maioria das reportagens e manchetes da época. Além de contrastar com as coberturas contemporâneas, o "Praia dos Ossos" também examina o caso de uma perspectiva diferente da adotada pelo delegado do crime. A apresentadora destaca: "O delegado afirmou ter lido aquela entrevista organizada pelos advogados de Doca. E gostou. Disse que a entrevista o impactou, que possuía um apelo romântico. Ele menciona: 'É como se Doca fosse um Dom Quixote moderno dentro do nosso mundo materialista.'" (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Cixous (2017) nos instiga mais uma vez a refletir sobre o desafio da escrita feminina, enfatizando a importância de os textos incorporarem as marcas da mulher e de sua sexualidade. Segundo ela, as escritas são distintas, possibilitando a existência de uma literatura masculina intrinsecamente opressora. Ao não se reconhecer e declarar como tal, essa literatura encobre a subjugação das mulheres com ornamentos fictícios e convicções socialmente aceitas, ocultadas e perpetuadas. Se a culpa acompanha as mulheres ao longo de suas vidas - e até mesmo após a morte, como observado em "Garotas Mortas" - a mãe, como o símbolo supremo da condição feminina no sistema patriarcal, suporta um fardo ainda mais significativo, em parte devido à forçada aura de "amor" e "candura" sobreposta à maternidade.

Conforme indicado por Perrot (2007), a função materna é um dos pilares do estado moderno, tornando-se um fenômeno social, com o controle do corpo e das ações das mães, assim como da natalidade, tornando-se objeto de intervenção política. A mãe está ainda mais suscetível a julgamentos sociais. Em "Garotas Mortas", Almada utiliza a figura da mãe de Andrea Danne para acentuar essa discussão adicional sobre gênero:

Essa imagem horrorizava a todos: uma mãe a quem aconteceu o pior que pode acontecer a uma mãe sentando-se na cadeira do salão de beleza. Esse gesto, que também poderia ser entendido como uma tentativa de se distrair do pesadelo que estava vivendo, foi logo interpretado como um sinal de culpa. De uma mãe que tem a filha assassinada esperamos, ao que parece, que arranque os cabelos, que chore desesperadamente, que agite o punho em riste pedindo vingança.

Não suportamos a calma. Não perdoamos a resignação (ALMADA, 2018, p. 80).

É pertinente considerar a relevância da produção escrita por mulheres, especialmente em narrativas baseadas em casos reais de violência contra as mulheres. A representação dessas mulheres, abordando suas experiências de forma humanizada e explorando questões como dor, culpa e outras formas de violência simbólica direcionadas exclusivamente a elas, passou a ser tratada com respeito, principalmente, por meio de narrativas criadas por mulheres.

Cixous propõe uma redefinição da figura materna, rompendo com o discurso historicamente moldado pelo viés masculino. Segundo ela, a mulher deve se apropriar de si mesma como um corpo infundável, uma doadora que provê sem se anular ou se consumir, contradizendo a concepção psicanalítica que a caracteriza meramente como ausência, inveja, repressão e carência. Enquanto Cixous visualiza a escrita feminina como uma forma de emancipação do corpo das mulheres, a escrita historicamente relegada a elas, ao longo dos séculos, é marcada por sentimentos de culpa e vergonha, como exemplificado na redação confessional encontrada em diários secretos. Cixous alerta para esse padrão:

Aliás, escreveste um pouco, porém às escondidas. Isso não é bom, mas porque era escondido, tu te punias por escrever, e não ias até o fim; ou, ao escrever, irresistivelmente, como nos masturbamos às escondidas, não era para ir mais longe, mas para amenizar um pouco a tensão, apenas o suficiente para que o demasiado cessasse de atormentar. E, em seguida, logo que gozamos, nos precipitamos a nos culpabilizar – para se fazer perdoar –; ou a esquecer, a enterrar, até a próxima (CIXOUS, 2017, p. 131).

A libertação do corpo e da expressão escrita feminina implica na redescoberta da sexualidade e na revelação de territórios anteriormente mantidos em sigilo, através de uma relação desinibida da mulher com suas próprias forças. Perrot (2007) e Beauvoir (2009) concordam que, historicamente, a escrita das mulheres ficava em grande parte restrita ao âmbito privado. O confinamento das mulheres ao espaço doméstico as excluía do domínio público, resultando na destinação de seus diários íntimos – que capturavam a solidão e refletiam a internalização da culpa – ao fogo ou ao esquecimento. Correspondências, diários e autobiografias, embora não sejam gêneros intrinsecamente femininos, "tornaram-se mais adequados às mulheres precisamente por seu caráter privado" (PERROT, 2007, p. 28).

Cixous, em sintonia com Almada e Vianna, destaca que as mulheres frequentemente são relegadas à sombra da culpa, impedidas de explorar e

compreender seus próprios corpos. Ela observa que as mulheres são "culpadas de tudo, todas as vezes: por ter desejos, por não ter; por ser frígida, por ser 'quente' demais; por não ser ambas as coisas ao mesmo tempo; por ser demasiadamente mãe ou não o suficiente; por ter filhos e por não ter; por amamentar e por não amamentar..." (CIXOUS, 2017, p. 136). Esse cenário é perceptível no caso de Ângela Diniz, conforme retratado no quinto episódio de Praia dos Ossos, intitulado "A Pantera", onde Ricardo Amaral, um empresário do ramo de boates, compartilha que Ângela provocava desconforto nos homens.

Desconforto é o seguinte, quer dizer, nenhum homem – por mais seguro que seja – se sente confortável ao lado de uma mulher que ele não tem certeza de exatamente como é que ele tá ali naquela parada, quer dizer... É um desconforto normal, quer dizer, ela era a típica mulher pra deixar um homem desconfortável, né, afrontar um homem, entendeu? (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Ao longo do episódio, somos guiados para uma compreensão mais detalhada do mal-estar mencionado por Ricardo. Ângela, uma mulher sedutora, capturava olhares e até mesmo imprimia um sentimento de intimidação naqueles ao seu redor. Branca Vianna narra:

uma camisa social engomada que conheceu a Ângela bíblicamente falou pra gente que ela era tipo a Salomé. Pausa aqui pra mais um drops de referência bíblica, agora do Novo Testamento: a Salomé era a neta do rei Herodes, conhecida por ser uma moça muito bonita, sedutora... e perigosa. Porque ela pediu a cabeça do João Batista numa bandeja em troca de dançar para o rei. (PRAIA DOS OSSOS, 2020)

Durante a última entrevista destacada no episódio "A Pantera", Kiki Garavaglia recorda uma festa na Avenida Atlântica, em Copacabana, no Rio de Janeiro, onde Ângela e Ibrahim Sued, seu namorado na época, se envolveram em uma intensa discussão. Kiki relata que Ângela instigava os homens, e quando questionada por Branca Vianna sobre a razão, ela complementou:

Ah... "Tá vendo aquele cara dali? Pô, tá me dando maior bola." Aí o Ibrahim, o "Turco", já ficava: "Cadê meu revólver, cadê meu revólver?" Né. Era muito desagradável sair com eles porque eles começavam um pegar no pé do outro. Aí você ficava com aquela cara de chuchu, né. Tipo: "Ahn, o que que a gente faz, né?" E acabava: "Então vou embora!" "Você é puta!" "E você é um velho!" Mas bem baixaria. E, como eu te disse, um dia ele começou a dizer: "Vou te matar, vou te matar!", e ela falou assim: "Eu não quero morrer arrebitada, viu, Turco." Foi pra janela, 12º andar da Avenida Atlântica, botou as perninhas pra fora, e falou: "Agora empurra" (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Em seguida, Branca Vianna relembra e examina uma declaração feita por Evandro, advogado de Doca, durante o primeiro julgamento: "Ela mesma criou as condições para morrer pela mão de outra pessoa. Foi esse infeliz que a matou." (PRAIA DOS OSSOS, 2020). A produtora do podcast acrescenta:

"Morrer pela mão de outrem." Pelo argumento do Evandro, o Doca tinha sido só um instrumento pra Ângela saciar a pulsão de morte dela. Se não fosse o Doca, teria sido outro. E o Ibrahim sem dúvida seria um forte concorrente a assassino da Ângela. Mas eu acho que, além do absurdo desse argumento, a conclusão de que a Ângela queria morrer não se encaixa na personalidade dela. (...) Essa agressividade recorrente do Ibrahim e do Doca, pra mim, aponta pra outra coisa. Que o assassinato da Ângela Diniz não foi fruto de um caso isolado, de um homem descontrolado, agindo num impulso momentâneo por causa do temperamento da namorada. Foi a reação de um homem médio daquela época, criado com os valores daquela época, moldado para ter medo de uma mulher que segue os seus desejos. E, por isso, criado para agir com violência quando topa com uma mulher assim (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Observa-se uma inversão na dinâmica em um assassinato categorizado como "crime passionnal". Mesmo confessando o crime, Doca Street começou a ser retratado, pela ótica de sua defesa, como uma vítima. Ele foi apresentado como um "homem apaixonado, dominado por uma ideia fixa que o levou a um ato de violência, fora de seu comportamento habitual". Descreveram-no como um "jovem bonito, um exemplar humano belo" que, de maneira ingênua, se deixou encantar pela beleza e sedução de uma mulher fatal.

A argumentação da defesa revela o *ethos* masculino da honra, apresentado como justificativa para o assassinato de uma mulher, atribuindo à própria vítima a responsabilidade pelo ato. O cerne da questão era a alegada ofensa à "dignidade masculina". Nesse processo de inversão, Ângela Diniz foi transformada na agressora, rotulada como a "mulher fatal", a "Vênus lasciva". Ela passou a ser julgada social e moralmente. Este caso exemplifica de maneira marcante o que conhecemos como culpabilização da vítima ou revitimização da mulher, ambas formas de humilhação observáveis na imprensa e nos tribunais brasileiros.

A consideração apresentada pelo *podcast*, sob a narração de Branca Vianna, situa o contexto no qual as mulheres brasileiras estavam imersas naquela época. A afirmação de que o assassinato de Ângela não era um caso isolado possibilita iniciar uma reflexão sobre o significado de ser mulher nos anos 1970. Certamente, a autonomia era a última característica que uma mulher poderia ter.

Um dos entrevistados mais surpreendentes no *podcast* Praia dos Ossos foi o próprio Doca Street. A entrevista ocorreu em agosto de 2019, em São Paulo, na

residência do melhor amigo de Doca, Jorge Alves de Lima Filho, que o conhecera durante um safári na África. Em uma parte da entrevista ao *podcast*, Branca recorda que "um dos argumentos do Evandro era de que crime passional pode acontecer com qualquer pessoa", e Doca responde: "Eu acho. Eu acho que é a pura verdade. Eu acho. Pisar muito no seu calo, você fica doidona". Em seguida, após Branca questionar sobre o significado de "perder a cabeça", Doca explica que:

[...] de repente acontece, você não sabe por quê. Mas enfim... eu, eu, é o que eu te contei. Ela bateu na minha cara com a coisa, a minha bolsa abriu, se não tivesse aberto provavelmente não tinha acontecido nada. O revólver saiu fora, caiu, já levantei atirando. Foi isso. Eu não sei se pode chamar isso de violenta emoção, ou sei lá o quê (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Merece destaque quando Doca afirma que "se pisar muito no seu calo, você fica doidona", numa aparente tentativa de justificar como ele acabou assassinando Ângela. A entrevista, então, chega ao seu término, e Branca sugere:

Foi uma entrevista difícil. E longa, levou duas horas e meia. Eu nunca tinha sentado pra conversar com assassino nenhum, muito menos com um homem que matou uma mulher porque se sentia dono dela. Mas era uma entrevista que eu queria muito fazer. Fiquei feliz e até agradecida por ele ter finalmente topado (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

A forma como o *podcast* esclarece de maneira franca e objetiva, destacando detalhes frequentemente negligenciados em abordagens de crimes de violência contra a mulher, revela de maneira inequívoca a presença de uma dinâmica de poder. Essa dinâmica, como manifestada pelo machismo e pelo feminicídio, expõe a perspectiva que a Rádio Novelo pretendia disseminar na narrativa.

Na obra *Garotas Mortas*, a narrativa de Almada também busca dismantlar os padrões que perseguem as vítimas de violência, levando a sociedade a atribuir a culpa pela violência sofrida à própria vítima. Nesse contexto, a culpa é colocada sobre a vítima por não se adequar aos padrões estabelecidos. O caso de Maria Luísa, que não seguiu diretamente para casa após o trabalho, como era seu hábito, e foi conduzida ao que foi considerado o "mau caminho", resultando na culpabilização também de suas amigas, conforme relatado pelo irmão mais velho de Maria Luísa durante a entrevista conduzida por Almada, exemplifica essa dinâmica:

Explica que Maria Luisa não ia à escola e suas únicas amigas eram aquelas do bairro, que era muito caseira. Esse era seu primeiro emprego. No entanto, naquela semana curta e intensa que marcou sua saída de casa para começar a circular no mundo adulto, o mundo do trabalho fora de casa,

Maria Luisa fez duas amigas: Norma Romero e Elena Taborda, duas moças um pouco mais velhas que ela e mais vividas. Quevedo lhes atribuiu a culpa de levá-la para o mau caminho. Como se a morte fosse um castigo por algo de errado que ela andava fazendo (ALMADA, 2018, p. 68).

No contexto de *Praia dos Ossos*, Ângela Diniz, que não se conformava com os padrões comportamentais femininos da época, era comumente caracterizada como "atípica", "sobrenatural", "sedutora" ou, como era popularmente conhecida, "Pantera de Minas". Além disso, era frequentemente atribuída a ela a total responsabilidade por seu destino, como se tivesse deliberadamente buscado sua trágica morte ao tentar encerrar o relacionamento com Doca.

As obras examinadas desempenham um papel crucial ao conferir humanidade às vítimas de feminicídio. Ao mergulhar nas narrativas dessas produções, somos conduzidos a uma compreensão mais profunda das mulheres que foram vítimas de violência de gênero. Em *Garotas Mortas*, Almada vai além dos atos de violência, explorando as histórias individuais das vítimas. Destacando a complexidade de suas vidas, personalidades e aspirações, a autora busca transcender as estatísticas frias de feminicídio, resgatando a humanidade por trás das tragédias. Essa abordagem tem o poder de sensibilizar os leitores, estimulando a empatia e promovendo uma reflexão mais profunda sobre a magnitude do problema.

De maneira semelhante, o *podcast Praia dos Ossos*, de Branca Vianna, utiliza a narrativa sonora para humanizar as vítimas de feminicídio. Ao dar voz às histórias das mulheres assassinadas, o podcast destaca não apenas a violência que sofreram, mas também suas identidades, relações e sonhos. Essa abordagem não apenas informa, mas também emociona, criando uma conexão de intimidade entre o público e as vítimas. A humanização das vítimas é essencial para romper com a desumanização frequentemente associada a esses casos, contribuindo para uma conscientização mais profunda sobre a gravidade do feminicídio.

Ambas as obras desafiam a tendência de tratar as vítimas de feminicídio como meras estatísticas, proporcionando um espaço para suas histórias individuais. Ao personalizar essas tragédias, Selva Almada e Branca Vianna incentivam uma reflexão mais crítica sobre as causas e consequências da violência de gênero.

Por fim, as duas autoras encerram, mais uma vez, humanizando as vítimas, cada uma a seu modo, em suas singelas homenagens:

Três velas brancas. Meu adeus às garotas. Uma vela branca para Andrea, uma vela branca para Maria Luisa. Uma vela branca para Sarita, e se Sarita estiver viva, e tomara que esteja, então essa vela é para aquela garota sem

nome que apareceu há mais de vinte anos às margens do rio Calamuchita. Um mesmo desejo para todas: que descansem (ALMADA, 2018, p. 122).

Eu não sei se eu sou herdeira da minha mãe. Mas eu sei que, hoje em dia, todos somos herdeiros do mundo que ela – e tantas outras – ajudaram a construir. E, pra continuar nesse caminho, a gente tem que saber por onde viemos. Por isso contar a história é tão importante. A história dessa onda do feminismo no Brasil. E a história das mulheres que não puderam chegar até os dias de hoje. Jô Souza Lima. Eloísa Ballesteros. Maria Regina Santos Souza Rocha. Maria Regina Rezende. Terezinha Lopes. E Ângela Diniz. Eu sou a Branca Vianna, filha da Branca Moreira Alves, e esse foi o Praia dos Ossos (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação profunda entre memória e literatura em *Garotas Mortas* e *Praia dos Ossos* revela como as narrativas, preservadas na memória e na literatura, se entrelaçam para representar e perpetuar eventos históricos, especialmente no contexto da luta das mulheres. Essas obras se tornam testemunhos poderosos que transcendem o tempo, preservando as experiências das mulheres em contextos políticos específicos.

Ao destacar formas de violência contra as mulheres, essas obras funcionam como registros sólidos, não apenas denunciando injustiças, mas também eternizando as histórias daqueles que resistiram. A relação entre literatura feminista e memória se manifesta na maneira como as obras se tornam ferramentas para lembrar, questionar e resistir.

A conexão entre as obras e os movimentos feministas da Argentina e do Brasil destaca como a literatura pode documentar e transmitir a luta dessas mulheres. O texto literário, ao abordar a violência contra as mulheres em períodos autoritários, não apenas registra eventos, mas também contribui para a compreensão das lutas feministas como parte integrante da memória das mulheres.

Portanto, *Garotas Mortas* e *Praia dos Ossos* não apenas perpetuam a memória desses movimentos e contextos políticos, mas também enriquecem a compreensão da história através das experiências das mulheres. A literatura, nesse sentido, serve como um testemunho duradouro da resistência feminina e uma ferramenta poderosa para preservar e transmitir a memória coletiva.

Uma análise mais detalhada identifica como essas expressões artísticas se tornam instrumentos de engajamento, envolvendo o leitor/ouvinte de maneira ativa na defesa das mulheres vítimas de violência. Essas obras transcendem o entretenimento, tornando-se veículos poderosos para a conscientização e promoção de mudanças sociais. As duas narrativas, de maneiras distintas, abordam a problemática da violência contra as mulheres, questionando estruturas patriarcais e contribuindo significativamente para o diálogo feminista.

Destaco a relevância dessas obras como exemplares da narrativa feminina emancipadora, desafiando não apenas a demonização do corpo feminino, mas também a pedagogia da culpa e a violência contra as mulheres. Ambas as obras vão além de revelar o horror em crimes específicos; questionam a estrutura que permitiu

a misoginia se estabelecer como componente naturalizado da sociedade contemporânea.

Conforme ensina Cixous, "um texto feminino não pode deixar de ser mais do que subversivo" (CIXOUS, 2017, p. 147). *Garotas Mortas* e *Praia dos Ossos* carregam essa subversão, rompendo com a herança do silêncio que tem assombrado a história das mulheres. Ambas as obras se destacam como uma contribuição contemporânea ao explorar e denunciar as dinâmicas de violência de gênero, adicionando camadas significativas à discussão sobre a violência contra as mulheres.

Por meio da análise dos textos, foi possível compreender o impacto do movimento feminista na construção das subjetividades políticas das mulheres brasileiras e argentinas, refletindo-se profundamente nas produções narrativas realizadas por mulheres nesses países. Ao explorar essa temática, diversos estudos de teóricas feministas foram fundamentais para enriquecer e embasar as discussões.

Os trabalhos de Selva Almada e Branca Vianna emergem como expressões marcantes desse fenômeno, utilizando suas memórias e manifestações feministas para dar voz às experiências das mulheres. A análise revela uma clara influência do movimento feminista na abordagem de questões de gênero, violência e autonomia feminina.

As narrativas de Almada, evidenciadas em *Garotas Mortas*, desafiam convenções ao apresentar uma escrita feminina que não apenas denuncia a violência de gênero, mas também busca a emancipação e reconstrução da identidade das mulheres. Branca Vianna, por meio do podcast *Praia dos Ossos*, amplifica vozes silenciadas e contribui para a desconstrução de estereótipos, promovendo a conscientização sobre a violência contra a mulher.

Portanto, ambas as produções não são apenas registros literários; também se enquadram dentro do estilo manifesto, submetendo em suas narrativas de testemunho e resistência, que ecoam as conquistas e desafios enfrentados pelas mulheres na busca por igualdade e justiça. Ao contextualizarem suas narrativas dentro do movimento feminista, essas autoras contribuem significativamente para a formação de subjetividades políticas mais conscientes e empoderadas, tornando-se agentes de transformação na luta por um mundo mais igualitário e justo para as mulheres.

A condução da pesquisa sobre as obras não foi desprovida de desafios, especialmente ao comparar um livro, como o de Selva Almada, com um *podcast* narrado por Branca Vianna. Ambas as formas de expressão apresentam complexidades que exigem uma análise aprofundada e sensível. A natureza intrincada dos temas abordados por Almada e Vianna, requer uma abordagem meticulosa e reflexiva. As obras exploram questões profundas relacionadas à violência, identidade e nuances das relações humanas, tornando a análise uma jornada intelectualmente intensa e emocionalmente envolvente.

Contudo, um desafio adicional se apresenta ao comparar um livro e um *podcast*. A transição entre a experiência de leitura e a audição envolve diferentes dinâmicas cognitivas e sensoriais, o que impacta a maneira como os temas são percebidos e interpretados. A ausência de recursos visuais e a presença de elementos sonoros no *podcast* podem influenciar a compreensão e a interpretação dos elementos narrativos em comparação com o livro.

A busca por fontes acadêmicas pertinentes e aprofundadas também se revela desafiadora, dada a complexidade dessas obras e a escassez de uma vasta literatura crítica disponível. A falta de análises aprofundadas sobre esses trabalhos demanda um esforço adicional na identificação e avaliação de fontes que possam contribuir significativamente para a pesquisa.

Além disso, o corpus selecionado apresenta características únicas, desafiando a pesquisa a abordar suas singularidades e nuances individuais. Compreender as motivações dos autores, analisar os recursos estilísticos empregados e interpretar as mensagens subjacentes requer uma abordagem minuciosa, buscando não apenas entender, mas também interpretar criticamente essas formas distintas de expressão.

A condução desse processo, embora complexa, representou uma oportunidade enriquecedora para explorar novas perspectivas e aprofundar o conhecimento acadêmico sobre obras que singularmente capturam as complexidades intrínsecas do ser humano e da sociedade.

Com base nessas reflexões, espera-se que futuras pesquisas possam expandir as análises comparativas entre diversas formas de expressão artística, como neste estudo que abordou um *podcast* e um livro. O objetivo foi explorar os limites e investigar as potencialidades desses meios na representação das complexidades da condição humana em suas modalidades narrativas.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMADA, S. **Garotas Mortas**; Tradução: Sérgio Molina. São Paulo. Todavia, 2018.
- ALMADA, S. **Chicas Muertas**. Youtube, 13 nov. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LBpESnvgTHk&t=28s>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- ARRUZZA, C. BHATTACHARYA, T. FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BAEZ, F. **História sem data**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- BALLESTRIN, L. (2017). Feminismos Subalternos. **Estudos Feministas**, 25(3), 1035-1054. Consultado a 15 fev 2023. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v25n3/1806-9584-ref-25-03-01035.pdf>.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BARRANCOS, D. **História dos feminismos na América Latina**. Trad. Michelle Strzoda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- BORTULUCCE, V. B. O manifesto como poética da modernidade. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 20, n. 21, p. 5-17, 2015. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i21p5-17. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/114486>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**; tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDAU, J. (2019). **Memória e identidade** (M.L. Ferreira Trad.). Contexto.
- CIXOUS, H. O riso da Medusa. In: BRANDÃO, I. (Org.). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas**. Florianópolis: EDUFAL, 2017.
- D'Atri, A (2017). **Feminismos populares: resistencia o revolución** (permanente). Ideas de Izquierda, 37(abril). Consultado a 13 mai .2023, Disponível em: http://www.laizquierda-diario.com/ideasdeizquierda/wp-content/uploads/2017/04/31_32_DATri-Untitled--Extract-Pages.pdf.
- DERRIDA, J. **Morada**. Maurice Blanchot. Lisboa, 2014.
- DERRIDA, J. **Demorar**: Maurice Blanchot/Jacques Derrida. Trad. Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.
- DILLARD, A. GUTKIND, L. **In Fact: The Best Of Creative Nonfiction**. New York: Norton, 2005.
- DI MARCO, G. "Women's Movements in Argentina: Tensions and Articulations". In: MAIER, E. LEBON, N. (Orgs.). **Women's Activism in Latin America and the**

Caribbean: Engendering Social Justice, Democratizing Citizenship. New Jersey: Rutgers University Press, 2010. p. 159-174.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2017.

FELMAN, S. Formas de cegueira judicial, ou a evidência do que não pode ser visto. In: **O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX.** São Paulo, p. 89-147, 2014.

FERREIRA, G. C. **A Reinvenção do Jornalismo Literário no formato Podcast:** Uma análise discursiva Foucaultiana de Praia Dos Ossos. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. **PodCast.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2023.

FREUD, S. **Escritores criativos e devaneios.** Edição standard brasileira das obras de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, 1974.

GALLEGOS CUIÑAS, A. Feminismo e literatura mundial (argentina): Selva Almada, Mariana Enríquez e Samanta Schweblin, **Literatura mundial latino-americana:** dispositivos e dissidências, (ed) Gustavo Guerrero, Jorge J. Locane, Benjamin Loy e Gesine Müller. Berlim/Boston: De Gruyter, Vol.5, p. 71-96, 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo. Centauro, 2004.

KLUMB, S. A. **Mulheres marcadas:** a ficcionalização da violência contra a mulher na literatura brasileira. 2021. 109 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras — Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras — Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

LE BRETON, D. *Entrevista de David Le Breton a Bárbara Duarte.* Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 28, p. 176-184, 2011.

LE GOFF, J. Enciclopédia Einaudi. **Memória-História.** Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996.

LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MAGALHÃES, M. S. História e Cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, M.; SOIHET, R. (orgs). **Ensino de História. Conceitos, temáticas e Metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ, 2003. p.168-184.

MARIANO, N. C. **Operacion Condor.** Buenos Aires: Lohle-Lumen, 1998.

MARTINS, M. A. Mídia e feminicídio: uma análise do podcast Praia dos Ossos. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MASIELLO, F. **Entre civilización y barbarie**: mujeres, nación y cultura literaria en la Argentina moderna. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1997.

MENDONÇA, B. O. **Quem ama não mata**: uma análise do podcast Praia dos Ossos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MÜHLEN, B. K. V. STREY, M. N. Avanços e retrocessos no combate da violência contra mulheres. Athenea digital. **Revista de pensamento e investigação social**, v.15, n. 2, p. 229-237, 2013.

OLIVEIRA, J. C. D. BERTONI, L. M. (2019). Memória Coletiva e Teoria das Representações Sociais: confluências teórico-conceituais. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 12(2),244-262.
<http://dx.doi.org/10.36298/ge-rai2019120205>

PENNA, J. C. **Este corpo, esta dor, esta fome**: Notas sobre o testemunho hispanoamericano. Campinas: Unicamp, 2003, p. 297-350.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

PRAIA dos Ossos: *Angela*. [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: **Rádio Novelo**, 26 set 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/ngela>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PRAIA dos Ossos: *O julgamento*. [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: **Rádio Novelo**, 19 set 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-julgamento> >. Acesso em: 01 jan. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina, in Edgardo Lander (org.), **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. **Modernidad y democracia**: intereses y conflictos em Anuario Mariateguiano (Lima) Vol. XII, N° 12, 2000.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2005.

RIBEIRO, M. C. S. A denúncia do feminicídio por Selva Almada e Florita Almada: o real e o ficcional. **Revista (Entre Parênteses)**, 10(2), 01-16, 2021.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SÁ, C. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, ano 9, n.14, 2012.

SAFFIOTI, H. B. Feminismos e seus frutos no Brasil. In: SADER, Emir (Org.). **Movimentos sociais na transição democrática**. São Paulo: Cortez, 1986.

SAFFIOTI, H. B. Dossiê: Feminismo em Questão, *Questões do Feminismo*, **Cad. Pagu** (16), 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>
Acesso em: 12 Jan. 2024.

SELIGMANN-SILVA, M. Imagens precárias: inscrições de violência ditatorial. **Estudos de Literatura Brasileira**, n. 43, p. 13-15. Jun. 2014.

_____. Testemunho e a política da memória: O tempo depois das catástrofes. Projeto História: **Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 30(1). 2015.

SEGATO, R. L. **La Guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016. E-book. ISBN 13: 978-84-945978-5-5. Disponível em: <https://www.traficantes.net/libros/>

SCLIAR, M. **O Texto, ou: A Vida - Uma Trajetória Literária**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SHOWALTER, E. A literature of their own. In: EAGLETOWN, M. **Feminst literary theory: areader**. Cambridge, Mass Blackwell, 1986.

SOLNIT, R. *A mãe de todas as perguntas*. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

SOMIGLI, L. **Legitimizing the artist: Manifesto writing and European modernism (1885-1915)**. University of Toronto Press, 2003.

SPERBER, S. F. **Ficção e razão: uma retomada das formas simples**. São Paulo: HUCITEC- FAPESP, 2009.

TELLES, N. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **Revista História**, São Paulo, 120, p.73-83, jan/jul. 1989.

UNESCO. **Olhares feministas**. Hildete Pereira de Melo, Adriana Piscitelli, Sônia Weidner Maluf, Vera Lúcia Puga (organizadoras). Brasília: Ministério da Educação: Unesco, 2009.

VALENCIA, P. (2005). **Representações sociais e memória social: vicissitudes de um objeto em busca de uma teoria**. In C. Sá (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais*. (pp. 99-120). Editora Museu da República.

VARGAS, Virginia. **Feminismos en América Latina: Su aporte a la política y a la democracia**. Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Colección Transformación Global, 2008.

ZOLIN, L. O. **Literatura de autoria feminina**. In: BONNICI, Thomas (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 327-336.